UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL

GÊNERO E PSICANÁLISE:
A NOÇÃO DE HOMEM EM LACAN

Texto referente ao exame de qualificação de Mestrado em Psicologia Social do projeto de pesquisa inicialmente denominado: "O homem em Lacan: discurso e laço social" de Pedro Eduardo Silva Ambra sob orientação do Prof. Dr. Nelson da Silva Jr.

São Paulo
Agosto de 2012

I

Fenômenos contemporâneos relativos ao gênero – *cross-dressing*, travestismo, transsexualidade, reivindicação de pessoas *no-gender*, crianças criadas sem gênero ou que recebem aplicações de hormônios para poderem escolher seu gênero posteriormente (Ambra & Silva Jr., 2010) – ganham cada vez mais destaque junto à opinião pública e ao debate acadêmico. Em ambos os campos as opiniões se dividem. Tomemos, por exemplo, um caso mais conhecido e relativamente mais debatido, a transsexualidade. Na visão da medicina, expressa pela última versão de seu manual diagnóstico, o DSM-IV-R, a descrição do fenômeno e seu tratamento teria fundamento na disjunção entre sexo (biológico) e gênero (psicológico), associado a um sofrimento significativo para o sujeito. Em relação a algumas teorias de gênero, trata-se da expressão negativa de uma classificação compulsória e heteronormativa, tal como sublinha Butler a partir da noção de *abjeto*.

Quanto à psicanálise, sua entrada parece ainda tímida em relação a outros debates contemporâneos, empreendidos por ela mais sistemática e consistentemente, como por exemplo os transtornos alimentares, questões teóricas relativas à crítica da ideologia etc.. À guisa de exemplo, pautado por um eco classificatório krafft-ebbingniano[1] misturado a uma ausência de descrições do fenômeno, o travestismo, por vezes indistinto da transexualidade, para a psicanálise é em geral visto em bloco e taxativamente como uma perversão e, quando muito, como psicose. A partir da utilização tautológica do argumento "perversos não chegam à clínica", uma questão que é além de psicológica social, econômica e política encontra descrições psicopatológicas não diferenciais numa disciplina nascida a partir da própria crítica da razão da saúde médica dominante.

Em boa parte de debates empreendidos nesta área, a psicanálise parece operar com o conceito *gênero* de forma ora reticente, ora próxima ao senso comum, ou simplesmente a nega, à exemplo de Lacan em seu comentário sobre Stoller no seminário XVIII, o que contrasta com a riqueza de descrições e proposições metapsicológicas relativas à identificação sexual, escolha de objeto, bissexualidade primária, entre outras. De toda

[1] Neuropsiquiatra alemão, Richard Freiherr von Krafft-Ebing, autor *Psychopathia sexualis,* - conhecido e citado por Freud - publicou vários textos sobre hipnose, criminologia e comportamento sexual. O seu interesse nestas matérias é algo diversificado: interessa-se tanto pelas funções genéticas nos desvios e patologias sexuais e na insanidade, como pela epilepsia, por exemplo.

forma, compreendendo como gênero alguns desenvolvimentos propostos dentro do sexo ou das identidades sexuais, uma questão parece mostrar-se relevante.

Talvez guiada pela indagação freudiana sobre o que quer a mulher, é digna de nota a quantidade de debates, comentadores e trabalhos referentes à questão do feminino em psicanálise. A partir de Lacan, máximas como "a mulher não existe" ou "a mulher é não-toda" são discutidas e retomadas, seja no contexto clínico, no debate com o feminismo ou na resposta a novos fenômenos sociais. No entanto, cabe aqui nos remeter ao próprio Lacan ao dizer que "É divertido que, depois de setenta [cento e dez] anos de psicanálise, ainda não se tenha formulado nada sobre o que é o homem." (Lacan, 1967/1968)

A proposta inicial de nossa pesquisa dizia respeito à localização e apresentação das ocorrências e desenvolvimentos ligados à noção de homem em Lacan entre os seminários XVI e XX. Tal recorte justifica-se por resultar nas fórmulas da sexuação – modelo teórico lacaniano mais declaradamente preocupado em compreender as diferenças sexuais – e por iniciar-se em um momento no qual as determinações políticas e sociais podem ser mais detidamente analisadas por Lacan a partir do dispositivo dos discursos.

Retomando o objetivo da pesquisa,

> Busca-se verificar se as contribuições do autor sobre o tema estariam, em algum grau, comprometidas com uma visão de sexo na qual a noção de masculino fosse coincidente com a noção de sujeito. Nossa análise considerará também a incidência do social na constituição subjetiva, utilizando e problematizando o conceito de laço social e o dispositivo lacaniano dos discursos.

Mais a frente, em relação ao método,

> Primeiramente, serão pesquisados, selecionados e organizados textos no campo de estudos de gênero, visando localizar o debate no interior dos estudos culturais. A partir da leitura sistemática dos seminários XVI, XVII, XVIII, XIX[2] e XX de Lacan, buscaremos encontrar momentos onde o masculino é trabalhado e de que forma. Serão da mesma forma analisadas

[2] Entre 1971 e 1972 houve dois seminários simultâneos. Ambos serão considerados para o âmbito desta pesquisa.

> passagens nas quais o social é considerado na obra do autor e suas possíveis relações com o masculino. Os textos compreendem o período de 1968 – quando Lacan iniciará sua apresentação da teoria dos discursos e laço social – até 1973, ano em que Lacan termina seu seminário *Encore*, dedicado à questão do gozo, do amor e da mulher, e onde será apresentado o diagrama da sexuação em sua forma final. Textos chave dentro deste período serão então selecionados e fichados, bem como será trabalhada bibliografia secundária a respeito de conceitos importantes para o trabalho com o masculino, como o falo, o gozo e relação sexual, além de textos de autores de dentro e fora da psicanálise que criticam a noção de gênero em Lacan. Reunidos todos os dados, passar-se-á à análise dos resultados.

A análise dos resultados consistiria majoritariamente na organização dos dados obtidos a partir de duas questões. A primeira seria investigar se a noção de Homem em Lacan seria, em algum grau, coincidente com a conceituação do sujeito, uma vez que o último pode ser compreendido dentro da lógica da fantasia e da inscrição e posicionamento necessários junto à ordem simbólica. Durante o desenvolvimento das fórmulas da sexuação, notadamente a partir do seminário XVIII, tais apontamentos serão referidos não ao sujeito, mas especificamente em relação ao homem. Assim, para além da crítica feminista do falocentrismo, uma visão conceitualmente androcêntrica poderia mostrar-se como um problema para a psicanálise que – mesmo negando determinações biológicas – mantém o homem como modelo e perpetua um essencialismo não necessariamente discutido no interior da teoria.

No entanto, nossa pesquisa até o momento parece mostrar que o que ocorre, na verdade, é uma modificação da própria teoria do sujeito. Termo que, aliás, perde sua força ao longo das formulações Lacanianas em detrimento, por exemplo, da noção de ser, ou falasser. Daí que, de fato, esta reformulação operada por Lacan – ainda que não de forma declarada – potencialmente responderia a parte de nossas hipóteses críticas. Ainda sim, uma crítica referente à recriação do essencialismo e binarismo, seja pela linguística, pelo édipo ou pela lógica, permanece.

Temos, igualmente, uma segunda questão a qual a análise dos dados responderia: haveria em Lacan, no período delimitado, uma outra leitura (possível ou explícita) das diferenças sexuais? Mais especificamente – considerando neste momento os desenvolvimentos mais afins a um diálogo com a filosofia, fenômenos e teorias sociais – poderia ser localizado um modelo próximo ou de potenciais diálogos com as teorias de gênero de inspiração

construcionistas, feminista ou *queer*? Tal possibilidade de explicação (ou construção) das diferenças sexuais, devido à pouca quantidade de trabalhos que oferecessem alternativas ao édipo e à sexuação, se apresentava como hipótese fraca na concepção do projeto. Fraca, porém digna de análise.

Se Lacan, um dos psicanalistas mais comentados, referido por filósofos e teóricos sociais, obteve sucesso na teorização linguística, social e política[3] do sujeito, teria deixado de lado desenvolvimentos semelhantes em relação às diferenças sexuais?

Como buscaremos apontar, não. Ou melhor, *não-todo*.

Foi possível observar que para além dos desenvolvimentos específicos de Lacan sobre o homem, o material organizado a partir da coleta de dados nos propiciou a possibilidade de flertar com uma contribuição adicional à discussão. Trata-se de, por meio das ocorrências e referências diretas e indiretas de Lacan sobre o tema, investigar como o autor compreende a diferença sexual de forma mais ampla. Assim, considerando algumas possibilidades historiográficas e o aparentemente distante campo dos chamados *Men Studies*, objetivamos utilizar-nos do homem como método privilegiado e – até onde nosso levantamento bibliográfico permite dizer – original para o estudo do gênero a partir da psicanálise de orientação lacaniana.

Contudo, esta tentativa mostra-se inicial, cabendo ainda desenvolvimentos que busquem justificá-la não apenas pela possível originalidade e chancela metodológica de outros campos do conhecimento mas sim por resultados consistentes e defensáveis. Resultados estes que igualmente começam a desenhar-se a partir de proposta alternativa à teoria da sexuação, localizada nos desenvolvimentos anteriores de Lacan em seu ensino, a saber a teoria dos discursos, do laço social e a noção de semblante. Mas, antes de Lacan, há o mundo.

II – A (NÃO) RESPOSTA DA PSICANÁLISE AOS FENÔMENOS CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO

But we cannot cling

[3] Ver, por exemplo, recente trabalho de Checcia.

To the old dreams anymore
No, we cannot cling to those dreams
Does the body rule the mind
Or does the mind rule the body?

The Smiths – Still Ill

No que tange as chamadas diferenças sexuais, as tensões mente/corpo e semblante/essência, escolha objetal/identidade sexual e natureza/cultura parecem ganhar cada vez mais nuances frente a fenômenos contemporâneos e seus modelos explicativos correlatos. A título de vinheta, no contexto brasileiro, o cartunista Laerte, que há alguns anos optou por trajar um vestuário feminino, quando perguntado se preferiria ser chamado de "o" ou "a", afirmou "*tanto faz*" (Roda-viva, 2012). Sem nos determos ainda sobre a resposta da cartunista, qual seria a extensão e profundidade da influência do contexto social na própria possibilidade da formulação desta pergunta?

Se analisarmos a direção de movimentos ou grupos que lutam pelos direitos de minorias sexuais, observaremos uma expansão seja de sua penetração na sociedade, seja da abrangência de suas reinvindicações. A popularização da sigla LGB (lésbicas, gays e bissexuais), lançada em países de língua inglesa nos anos 80, ou sua versão brasileira GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes, proposta por André Fischer nos anos 1990, se deu rapidamente. Digno de nota é, também, o desenvolvimento posterior destas tendências. É curioso notar que se tais expressões forem utilizadas hoje, possivelmente serão vistas com ressalva por ativistas. Sua última reformulação é a LGBTIQQ – lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexo, *queer* e "questionando".[4] De forma análoga, junto à academia, parte dos estudos denominados feministas tornaram-se estudos de gênero que por sua vez originaram os estudos *queer*.

Tal aumento de categorias de gênero alcançou rapidamente sua espessura legal, ainda que geograficamente ou economicamente restrita. Desde agosto de 2011, por exemplo, os australianos terão direito de optar tanto pelo gênero masculino ou feminino em seu passaporte quanto pela categoria "indeterminado". Esta decisão do governo australiano é

[4] Parte destas reflexões foram possíveis e formuladas por nós dentro de uma discussão empreendida no grupo *Histeria e Gênero*, ligado ao Laboratório de Teoria Social Filosofia e Psicanálise (LATESFIP). A este respeito, há um texto em preparação cujo destino será formar um capítulo do livro *Patologias do Social*, organizado pelo referido laboratório que busca localizar o uso social categorias clínicas oriundas da psiquiatria e psicanálise.

resultado de uma polêmica iniciada quando Norrie May-Welby tornou-se a primeira pessoa "sem gênero" no país, após não ter se adaptado à cirurgia de transgenitalização, que havia lhe dotado de caracteres físicos femininos.

Se o debate em torno da questão ganha também cada vez mais força e importância junto à opinião pública, sublinhamos aqui, por outro lado, o caráter central da retomada de reflexões no âmbito da academia que possam pautar o debate público sobre as questões de gênero.

> Perguntada pelo jornal catalão La Vanguardia sobre seu gênero, Beatriz [filósofa catalã] respondeu: "Esta pergunta reflete uma ansiosa obsessão ocidental, a de querer reduzir a verdade do sexo a um binômio. Dedico minha vida a dinamitar esse binômio. Afirmo a multiplicidade infinita do sexo". Segundo a filósofa, a sexualidade humana é como os idiomas: pode-se aprender vários. (Carta Capital, 2011)

E como se aprendem sexualidades? Tal como nos mostra a psicanálise – e toda a miríade de críticas a ela dirigidas – é ainda por meio de construções feitas majoritariamente a partir da família que o sujeito posicionar-se-á frente a escolhas objetais e identificações, inclusive de gênero. E se na infância estaria o núcleo primeiro destas definições é lá que deve ser investigada e reconstruída a história do sujeito – tal é uma das funções da análise classicamente concebida.

No entanto, algumas famílias parecem ter considerado radicalmente esta constatação, aliada a uma visão peculiar de liberdade de escolha de gênero.

> O casal lésbico Pauline Moreno e Debra Lobel, da Califórnia (EUA), decidiu usar bloqueadores de hormônios para retardar a chegada da puberdade no filho Tommy, de 11 anos. A medida foi tomada para que o menino tenha mais tempo para decidir se realmente quer fazer a mudança de sexo. Tommy usa roupas de menina e é chamado pelas mães de Tammy. "Isso dá às crianças e às famílias a oportunidade de tomar a decisão certa", disse Joel Baum, diretor da ONG californiana Gender Spectrum, de acordo com o site Adelaide Now. (O Globo, 2011)

Podemos citar, ainda, escolas no reino unido que recentemente optaram por nomear como "transexuais" seus alunos que manifestam desejo de vestir-se como pessoas do sexo oposto. "Em um segundo colégio para alunos de até 11 anos, as crianças são incentivadas a se comportar de uma maneira não estereotipada de gênero. Meninos se

vestem como com roupas de meninas que ficam em uma caixa ali mesmo, no colégio, e são autorizados a usar fita no cabelo." (Revista Crescer, 2012)

E ainda:

> Caso parecido aconteceu há dois anos na Suécia com o bebê "Pop", gênero não revelado, que aos 2 anos podia escolher se queria usar vestidos femininos ou roupas de garoto. "Nós queremos que Pop cresça o mais livremente possível, queremos evitar que seja forçado/a a assumir um gênero específico ditado pelo exterior", explicou a mãe da criança. "É cruel trazer uma criança ao mundo com uma estampa azul ou cor-de-rosa pregada na testa." (Carta Capital, 2011)

Paul McHugh, professor de psiquatria da Johns Hopkins University afirma "Isso é abuso infantil. É como fazer lipoescultura em uma criança com anorexia". Radicalidade de uma liberdade de escolha ou violência injustificada, é fato que estes fenômenos colocam em xeque posições extremamente liberais ou reflexões levianas a respeito do gênero na atualidade.

Propomos que, diferentemente de uma obstinação de determinação presente, por exemplo, no transexualismo, trata-se aqui, de uma luta pelo direito da não determinação de gênero. E não apenas do ponto de vista do discurso ou em potencialidades teóricas, mas no corpo, e mais radicalmente o corpo infantil, que irá agora sustentar concretamente um debate a respeito de uma não alocação em registros tradicionais de identidade. A repúdia de inscrição em categorias que têm se mostrado cada vez mais problemáticas para explicar realidades contemporâneas não dialoga apenas com a esfera psicopatológica, mas demanda reconhecimentos no campo social e jurídico. A partir de Honneth, lembramos, no entanto, que estas demandas de reconhecimento jurídico parecem estar a serviço de uma autonomia moral de liberdade, uma vez que não têm como horizonte a regulação do todo social, mas apenas a garantia individual da liberdade (Ambra & Silva, Jr., 2012). Um outro caminho possível poderia ser trilhado a partir da crítica de um reconhecimento pautado pela normatividade, seja ela moral ou jurídica (Safatle, 2012) No entanto, ao analisar se o que estaria em jogo seria uma experiência produtiva ou improdutiva de indeterminação, a questão específica do gênero está colocada e propõem um debate. O que a psicanálise teria a dizer a respeito?

Retomemos a posição de Laerte. "Tanto faz". É claro que a pergunta – em algum grau aplicável igualmente à *cross-dressers*, travestis e transexuais – para alguns causa estranhamento. Mas sublinhemos a resposta. O que, psicologicamente, permitiria tal posicionamento? Quanto à psicanálise de orientação lacaniana, seria possível buscar, por um lado, uma explicação fora dos infindáveis debates ao redor das teorias de imperativo do gozo e declínio da imago paterna[5] ou, por outro, uma interpretação outra que não a de Lacan sobre o transsexualismo a partir da foraclusão e da psicose a partir dos estudos de Stoller?

Interpretações que leem a cultura (contemporânea) como um momento no qual não se operaria mais no registro de leis específicas para os regimes de satisfação ou relações humanas não são novas. Especificamente quanto ao gênero, a "emancipação" feminina foi alvo frequente de críticas muito próximas às atuais tendências de não aceitação do impossível (Melman, p. 17, 2008). Mesmo antes da chamada primeira onda feminista do final do século XIX, críticas dirigidas às mulheres que defendiam sua emancipação já tinham espaço. É curioso notar que tais ataques se davam por meio de caricaturas, de forma bastante irônica, ainda em meados do século XIX.

Mesmo no Brasil, a crítica dirigida às mulheres que demandavam direitos exclusivos dos homens, era bem-humorada e localizada.[6] Não que o escárnio seja forma mais ou menos atenuada de violência, mas é importante notar também a forma pela qual uma crítica semelhante é feita atualmente por parte da psicanálise, de forma muito mais sisuda, em termos de uma "feminilização (ou histericização) da sociedade ou do homem. Ou seja, de uma crítica irônica, vai-se ao polo de uma crítica eminentemente moral ou saudosista.

Como exemplos:

> Os sintomas contemporâneos são conseqüências desta nova lógica, que se espalha radicalizando o declínio da função paterna. À lógica fálica, universalizante, vimos acrescentar-se a lógica do não-todo. A cultura feminilizou-se no rastro da liberação da sexualidade e do feminismo e esta lógica que, em princípio, parecia trazer-nos um ganho de liberdade e de respeito à singularidade de cada um, lentamente, parece autonomizar-se

[5] Sobre este debate e um posicionamento que nos parece razoável, remetemos o leitor ao texto de Pacheco Filho "A praga do capitalismo e a peste da Psicanálise", em especial às discussões sobre o "declínio", Lacan, Durkheim, Marcuse e Zafiropoulos, localizadas na seção - um tanto autoexplicativa - *Confusões teóricas e nostalgia política reacionária na discussão sobre o "declínio da função paterna".*

[6] Ver Feminismos e Anti-feminismos, 7Letas, 2012. (no prelo)

> com relação à lógica fálica (Coelho dos Santos, 2001, p. 104-114).

Mais a frente

> Um mundo onde a diferença sexual parece condenada à obsolescência, à não essencialidade e em que o imperativo do gozo não-todo progride em oposição a qualquer dimensão da castração como sinal do real impossível.
>
> A psicanálise surgiu no mundo como o discurso que progrediu no avesso ao discurso do mestre, em que reinava o ideal absoluto para todos. Que relações ela pode ter com o mestre contemporâneo, o discurso do capitalista, que provoca a deriva dos sujeitos na caça ao mais de gozar? Como a psicanálise tem se constituído em uma alternativa àquele discurso? (Coelho dos Santos)

Donde o título do livro de Melman – que parece compactuar com um cenário de apocalíptico da atualidade – não poderia ter outro título "O *homem* sem gravidade".

Por outro lado, leituras da psicanálise de novos fenômenos de gênero não se apoiam exclusivamente na crítica à sociedade de consumo, de espetáculo, do gozo ou de capitalismo tardio. Há igualmente o conhecido recurso à patologia individual.[7] Como demonstrado por Cossi (2012) a transexualidade é alocada ao campo das psicoses por boa parte da psicanálise de orientação lacaniana. Facilitada por uma leitura estrutural e prescindindo de fenômenos localizáveis e classicamente ligados à psicose, como o delírio, a foraclusão é tomada pelo próprio Lacan no seminário XVIII como ferramenta crítica da concepção Stolleriana da transexualidade, cuja leitura a situaria fora do campo das psicoses (ainda que dentro do campo da patologia).

E mesmo entre aqueles que igualmente não consideram a transexualidade como patologia ou como necessariamente ligada a uma estrutura clínica, outros fenômenos contemporâneos de expressão de gênero são aí alocados, como, por exemplo, a afirmação de Ceccarelli sobre o travestismo, que a coloca como uma perversão sem maiores discussões a respeito. Assim, destacamos a importância de trabalhos como o de Cossi que ao deparar-se com afirmações insustentáveis – seja do ponto de vista clínico, teórico ou político – como a de Lacan a respeito da transexualidade, escapa da Silas do argumento de autoridade, rechaçando a realidade concreta em nome da autoridade do mestre parisiense e de Caríbdis de uma negação total das tentativas lacanianas de pensar

[7] Conforme Kraff-Ebbing já desenvolvera.

o gênero. O autor cria, então, uma terceira via buscando no próprio Lacan modelos explicativos mais adequados à experiência transexual, como a noção de Sinthoma (Cossi, 2012).

***

É possível notar que o feminismo parece muito mais rapidamente aproveitar e criticar a psicanálise do que o inverso. O próprio nome do campo de estudos que, em parte, transmutou-se do feminismo para estudos de *gênero*, é tributário da popularização da noção feita pela psicanálise de Stoller. Nos Estados Unidos, há por exemplo uma corrente inteira do feminismo baseada na escola das relações objetais. Mesmo nos atuais estudos *queer*, a influência da psicanálise é notável sendo, por exemplo, Lacan a principal referência em boa parte dos trabalhos de Butler.

Por outro lado, a recepção do feminismo dentro da psicanálise permanece tímida. As modificações dentro do campo psicanalítico que podem ser tributadas ao feminismo não são diretamente teóricas mas políticas. E, ainda sim, parecem chegar apenas mediadas por uma modificação e pressão sociais, como foi o caso da homossexualidade.[8]

[8] Ver dissertação em preparação de Bulamah, L.

Mas para que seja possível outras leituras da psicanálise a respeito da natureza de "novos" fenômenos de gênero, é necessário que nos detenhamos um pouco. Buscaremos compreender brevemente a psicanálise a partir de outros campos, localizando sua emergência em um contexto específico, com ferramentas interpretativas e de tratamento próprias, que a despeito da reivindicada revolução copernicana pode ainda carregar traços geocêntricos.

PARTE II – GÊNERO, HISTÓRIA E POLÍTICA

> *De forma mais importante, a psicanálise fornece uma descrição dos mecanismos pelos quais os sexos são divididos e deformados, de como bebês bissexuais, andróginos, são transformados em meninos e meninas. A psicanálise é uma teoria feminista* manquée. *(Rubin, 1975/1993, p. 14)*

Tomemos como exemplo a histeria, patologia *princeps*, inventora e inventada pela psicanálise. Como reza a cartilha, seus sintomas eram descritos desde a antiguidade clássica, tendo seu modelo explicativo ligado – como muitos outros – à teoria dos humores. Em uma espécie de mítica psicanalítica, Freud é apresentado como um cientista destemido que retiraria do campo da mentira e da exclusão social as histéricas que se amontoavam em Salpêtrière e serviam ao circo de Charcot.

É necessário compreender que mesmo no nascimento da psicanálise, junto ao início da construção de um edifício teórico hoje consolidado e referido por outras ciências, não se tratava apenas de uma fundamentação científica, autorreferente e preocupada com universais. É mister lembrar que a psicanálise respondia a um problema social bastante concreto de sua época: a grande histeria.

Se apenas na virada do século XIX para o século XX a histeria conheceu uma terapêutica própria e eficaz, isso é justificado não só pela genialidade pontual de um homem – ainda que sentado no ombro de gigantes –, mas igualmente pelo um contexto social que demandava e condicionava uma solução.

As mulheres, que já haviam a quase um século entrado na cadeia produtiva de exploração, neste momento se tornam peças chaves do funcionamento social. A lembrar o massacre de 8 de março de 1857, as reinvindicações femininas desta natureza passam a

ser verdadeiramente possíveis. Ainda que fracas, suas vozes tomam corpo, mesmo em um mundo industrial de ouvidos moucos. É neste contexto, por exemplo, que há espaço para uma obra como Anna Kariênina, localizando a mulher como sujeito desejante, complexo e ameaçador, pois capaz de desafiar e mesmo romper um contrato. O que não é sem consequências, já que a protagonista encontra seu fim no próprio avatar da revolução industrial.

Ocorre que as mulheres eram igualmente submetidas a uma segunda jornada de produção, em casa. O cuidado com os filhos, estar à *disposição* do marido, a condução ou realização direta dos serviços do lar. É nesse contexto onde, por um lado, a exigência de produção se casa com a importância não mais negligenciável das mulheres que a histeria pode se tornar um problema social relevante. Donde, retomando a conhecida afirmação de Freud sobre a definição de saúde, a histérica aí não seria capaz nem de trabalhar, nem de amar – nos sentidos possíveis que os verbos comportam.

Assim, gostaríamos de nos aproximar nosso trabalho ao lado de leituras que tomam a emergência de um modelo psicológico não apenas como conveniente mas antes condicionada a um momento social e histórico específico.[9] O que, então, estaria em jogo na sociedade para sustentar uma modificação nas possibilidades de compreender e, no caso da psicanálise, de tratar (d)as questões relativas ao sexo e ao gênero?[10]

***

Atualmente, é importante notar que além das reinvindicações clássicas do movimento gay, referentes às práticas sexuais e a um rompimento com a ideia de uma família tradicionalmente constituída, lutas de outra natureza parecem também ser travadas. Se as primeiras diziam respeito ao reconhecimento e chancela da diferença, há agora também uma demanda de igualdade radical, como observamos na luta pelo casamento gay e da homoparentalidade.

[9] A lembrar os trabalhos sobre o suicídio, seja na sociologia positiva de Durkheim, seja no pouco conhecido texto de Marx, "notas sobre suicídio".

[10] A ver, por exemplo, como as modificações sociais não são unidirecionais tampouco evolutivas, podemos lembrar que recentemente foi discutida no senado a modificação de uma regulação do conselho federal de psicologia que vetava o tratamento de reversão da homossexualidade. http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/audiencia-do-projeto-de-lei-sobre-reversao-da-homossexualidade-gera-polemica/

Assim, retoma-se uma "prática anterior", não transgressora, mas que aparece aqui como reinvindicação de um grupo marginalizado. Nas demandas de união homoafetiva, por exemplo, objetiva-se a possibilidade de gozar do privilégio de uma instituição que perde a cada dia mais sua força e, como eco dos movimentos contestatórios dos anos de 1970, é ainda considerada conservadora. O que seria talvez impensável para os que no início reivindicavam uma liberdade de práticas, parceiros e formações sexuais, tornou-se uma de suas principais pautas. Assim, lemos a partir destas reinvindicações uma espécie de demanda que coloca cada vez menor acento nas práticas sexuais, sublinhando a importância de toma-las como identidades. Daí que a tradução e posterior reconhecimento jurídico gozem de certa facilidade e comecem a ocorrer aos poucos nos diferentes países.

Propomos que isso acontece porque nestes casos pois trata-se, metaforicamente, de um jogo de espelhos, uma inversão. O que está em jogo seria reconhecer que aquela prática e aquela identidade é, no fundo, "igual à minha". Ou, em outros campos e de forma bastante difundida, que há um pouco de masculino em cada mulher e vice-versa. Digamos, uma solução de compromisso. Que evidentemente é um avanço e mostra como é possível por meio de lutas atreladas à políticas públicas modificar uma situação real de sofrimento e de impossibilidade de reconhecimento jurídico, ainda que nunca completo e absoluto. Não podemos esquecer que tratamos aqui de uma parcela reduzida de países, grupos. Notamos, por fim, que curiosamente estas reinvindicações não demandam "transgressões" do que poderia ter sido reivindicado a partir dos movimentos contestatórios dos anos 1960 e 1970. Conforme Butler, porque o casamento gay e não casamento entre 3, 4, ou 5 pessoas? Ou ainda a precisão da crítica de Foucault quanto à guinada normativa destas formas de reinvindicação. Ou seja, ao invés de reduzir as disposições legais, universalizando direitos, a demanda parece ser aumentar o regramento, criar dispositivos específicos para cada caso. (Ambra, 2012)

De toda forma, há uma outra gama de fenômenos que ainda patina tanto do ponto de vista jurídico quanto do da psicologia, aqueles relativos à indeterminação. Temos aí o *no gender, questioning, crossdressers*, pais que administram hormônios para filhos ou não divulgam ou dão gênero à criança, escolas que optam pela abolição de pronomes masculinos e femininos, etc.. Fenômenos deste tipo acabam por questionar a própria questão da identidade sexual, entendida aqui em sentido amplo. Se antes ela já foi

colocada em xeque pela possibilidade de separação da escolha de objeto, agora nos parece radicalmente posta à prova de forma direta, imediata.

Uma resposta bastante comum a este e outros fenômenos contemporâneos tidos como "radicais" é encontrada sobre a chave do multiculturalismo, associado à questão da pós-modernidade. No entanto, estas visões nos parecem um tanto problemáticas do ponto de vista histórico e epistêmico, por um lado, e do ponto de vista social e político, do outro. É importante notar que o pós-modernismo – "conceito" aliás de difícil definição e de referências um tanto díspares – parece ter se tornado uma explicação de fundo pretensamente histórica, que serve a (quase) todas das ciências humanas. Temos aqui o altamente referido "*A condição pós-moderna*", escrito por encomendada, de Lyotard; o livro homônimo de David Harvey; o "*Fim da História*" de Fukuyama – escrito sob o patrocício da Fundação John M. Olin –, interpretações um tanto numerosas de trabalhos baseados no que Lacan apontou pouquíssimas vezes como "discurso do capitalista" e até mesmo na popularizada noção midiática de metrosexualidade, que pouco ou nada tem de sexualidade, sendo definida muito mais por um padrão de consumo do que uma identidade ou mesmo prática sexual, para nos mantermos nos dois eixos explicitados acima.

Se nos fiarmos à origem mais consagrada e tecnicamente localizável da condição pós-moderna – defendida por Harvey –, a saber, a arquitetura como primeiro campo de ocorrência da pós-modernidade, poderíamos inclusive localizar bastante precisamente sua origem.

> Geralmente, considera-se que [o pós-modernismo] tem origem na arquitetura, concretamente na rejeição do "alto modernismo", representado pela arquitetura de Le Courbusier, Wright, Mies van der Rohe, etc. Pode-se dizer, por esta razão, que o pós-modernismo nasceu às 3 horas e 32 minutos da tarde de 15 de julho de 1972, quando um edifício de residências "moderno" de Saint Louis, inspirado em Le Courbusier e premiado pela qualidade arquitetônica foi dinamitado, considerado com inabitável para as pessoas pobres que nele viviam, o que marca, assim, o momento em que as ideias do modernismo abrem caminho para novas propostas. (Fontana, p. 429, 2004)

E do ponto de vista político, se a psicanálise teve um papel determinante na denúncia da dupla moral, da demonstração de que a inferioridade das mulheres não era fruto de sua

natureza mas sim da situação na qual se encontravam, e no início de um debate que tirou do campo da patologia as práticas homossexuais; hoje – convivendo com os antigos – novos debates se apresentam e faz-se necessário um posicionamento carregado menos de um juízo moral que parece ter dominado o cenário psicanalítico após a morte de Freud e mais de um impulso de um jovem pesquisador como vemos no moral sexual e doença nervosa moderna.

PARTE III - PORQUE O HOMEM?

Nosso trabalho a partir de agora tem um duplo intuito. Por um lado, trata-se de localizar e apresentar ao uma faceta obscura ou simplesmente não assumida de como a psicanálise lacaniana lê a masculinidade, ou a possível natureza do homem. Se há anos – seja a partir de um essencialismo biológico ou de um construcionismo radical – o campo dos chamados *men studies* desenvolve-se, nos parece apropriado demonstrar o que psicanálise pensa deste debate, se o considera como relevante, quais saídas propõem e quais questões pode apresentar.

Por outro lado, nosso trabalho também intenta utilizar-se do homem como método de leitura para a questão da diferença sexual como um todo. Se presente já em Freud quando na relevância dada ao falo, já mostrando a potencialidade da simbolização, é necessário compreender até que ponto a questão pode ser vista a partir de Lacan.

Se em seu ensino e obra o que salta aos olhos quanto à questão da sexuação é o que teria ficado "para trás" em Freud – a sexualidade feminina mais profundamente explorada –, buscamos neste trabalho investigar a sexualidade a partir justamente do que (não) é diretamente explicitado sobre a sexualidade masculina. Bleichmar pontua neste sentido a "dívida da psicanálise para com os homens". É necessário, contudo, que adicionemos que a dívida é da psicanálise com todos, sejam gays, travestis, "machões" ou mulheres, que parecem ocupar ainda lugar de único sexo construído, carente de explicação, devido à sua natureza singular, distinta, mascarada, não-toda, de gozo sem limites e, por fim, fortemente arraigada ao que o homem moderno parece temer, a natureza, a fúria incontida das pulsões, a sombra de um fantasma que nem o "pós-modernismo" foi capaz de enterrar.

Assim, sublinhamos que nossa discussão não ocorre no vazio, não ignora que em um país como o Brasil, além da marcada opressão e violência de cor, região de procedência, social, econômica etc., há notadamente uma assimetria entre homens e mulheres – assimetria essa que, como buscaremos demonstrar com Bulter, está tanto no gênero quanto no próprio sexo. Tal quadro tem consequências marcantes, nefastas e por vezes foracluídas da psicanálise, que apoiada num discurso de "imperativo de gozo", "igualdade de gênero", "pós-modernidade", tira conclusões por vezes inconsequentes e por vezes conservadoras.

Não que neguemos avanços ou um momento de fato diferente na história com consequências concretas. Mas é importante lembrar que no campo do debate público muitas vezes tais avanços são tomados como já concluídos, absolutos e, por vezes, apocalípticos. Ao que a psicanálise (mas não só ela) se apressa em se aproximar do último termo. Aí compreendidos os já citados debates do declínio da imago paterna, de argumentos muito similares àqueles da amálgama sócio-histórica-psicológica da pós-modernidade defendida por autores influenciados pelos estudos de terceira geração da *Nouvelle* histórica.

Corrente histórica que igualmente rendeu trabalhos preciosos e importantes de micro-história, histórias da vida privada e do já clássico estudo *A História do Corpo*, que muito recentemente teve sua "continuação" – de acordo com um dos autores – sob o título *Histoire de la Virilité*. Os avanços recentes de estudos que buscam revelar as contradições e os percursos históricos de determinados objetos dados como naturais e imutáveis – o corpo, o estupro, a vida privada, a virilidade –, nos parecem mais frutíferos em termos gerais de método do que interpretações macro-históricas universais que ao nosso ver invariavelmente flertam com um retorno a um passado que, de fato, não parece ter existido. E este *empuxo ao passado imaginado* não tem apenas consequências teóricas, mas marca igualmente posições políticas.

Nos parece importante pontuar, assim, que este é um trabalho que inescapavelmente remete-se à política, paradoxalmente a partir de um objeto de estudo historicamente não concebido como político. E é neste campo que localizamos nossa análise, esforço e posicionamento. O homem para a psicanálise nos parece ainda noção desprovida de

poros que possibilitem a crítica e a possibilidade de política. Aí reside parte de nosso trabalho.

Tal questão será mais desenvolvida no sentido de uma crítica da chamada "crise da masculinidade"[11], procurando lembrar que os discursos sobre os signos de tal crise – tidos como inéditos e ligados à pós-modernidade – são atualizações, senão cópias, de descrições que se remetem, no mínimo, ao século XVIII. Momento, aliás, que pode marcar, de acordo com Laqueur, a queda do modelo do sexo único, invertido, em outras palavras, a invenção do feminino.

A partir da psicanálise buscaremos assim considerar o homem como aquele avesso que deixou de ser estudado não pela sua opressão, mas justamente por sua dominação[12], em um movimento análogo já realizado na história e em parte das teoria de gênero. De forma geral, em tais relações assimétricas, a relação de dominação afeta a constituição das próprias categorias, assim o dominante faz referência ao caso geral e o dominado a um caso particular (Mercader & Tain, 2010). Não é necessário assim, ir muito longe nas formulações e textos clássicos psicanalíticos sobre a mulher e a relação entre os sexos para localizar a expressão desta assimetria.

Portanto, trata-se aqui de buscar enxergar com cautela a tradição psicanalítica de pensar as diferenças sexuais, tendo em mente as conhecidas palavras de Walter Benjamin:

> (...) o que ele [materialista histórico] pode abarcar desse património cultural provém, na sua globalidade, de uma tradição em que ele não pode pensar sem ficar horrorizado. Porque ela deve a sua existência não apenas ao esforço dos grandes génios que a criaram, mas também à escravidão anónima de seus contemporâneos. Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também o não pode o processo histórico em que ele transitou de um para outro. Por isso o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo. (Benjamin, p. 12-13)

Tomemos, pois, escovas em punho.

[11] Histoire de la Virilité, Tomos II e II, Forth, Connell, etc.
[12] Lembramos aqui os estudos brasileiros a respeito da branquitude.

IV – A PSICANÁLISE SEM LACAN

Antes de apresentar as discussões oriundas diretamente da psicanálise, pontuaremos em que condições a última pode realizar seus desenvolvimentos acerca da sexualidade. No entanto, optaremos não pela via da hipótese repressiva – na qual a sociedade Vienense, e europeia de uma forma geral, impedia as práticas sexuais fora do casamento e "não naturais" – tampouco por sua crítica, que encontra em Foucault seu maior expoente.

A partir da proposição de Laqueur, dos estudos organizados em *L'Histoire de la Virilité* entre outras referências, apresentaremos diferentes modalidades de compreensão e teorias explicativas para as diferenças e identidades sexuais. Será trabalhado aí, por exemplo, o resgate de todo um pensamento pré-iluminista a respeito da primazia do que hoje pode ser compreendido como gênero sobre o "corpo biológico". Temos neste ponto que durante um longo período do pensamento ocidental, "Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não *ser* organicamente um ou o outro de dois sexos incomensuráveis." (Laqueur, p. 19, 2001) Daí que se pode inclusive dizer que o corpo seria o epifenômeno, ao passo que o "gênero" estaria ao lado do primário ou real (Idem).

A essas reflexões, ainda em Laqueur, somar-se-á o chamado modelo de sexo único. Hoje nos parece evidente a distinção entre os órgãos sexuais e aparelhos reprodutivos masculino e feminino, sendo, a título de exemplo, durante todo o século XIX uma metáfora dos papéis e diferenças sociais e psicológicas dos sexos. No entanto, esta ideia é relativamente recente. Antes disto, figurava um modelo explicativo no qual um órgão era apenas a inversão do outro, sem a localização de uma diferença entre eles. O fato de em alguns casos este órgão ser interno ou externo era explicado, antes, pela teoria dos humores e da temperatura que cada fluido corporal poderia ter. O que não é muito distante, uma vez que em muitas culturas atuais, os ritos de iniciação de meninos passam por etapas nas quais o temor de "passar para o sexo oposto" é alimentado através da ingestão (forçada) de alimentos e líquidos considerados femininos, como sangue e urina de porco (Batinter, 1993, p. 106).

Daí que, por exemplo, em diversos relatos de mitos e histórias pré-iluministas era possível que um personagem cambiasse de sexo sem um estranhamento, ou sem que sua identidade fosse abalada. Tratava-se antes de um eco corporal de uma natureza social e não o inverso. Assim o romance "Orlando" de Virginia Woolf pode ser entendido não apenas metaforicamente mas como um retrato do como modalidades não muito antigas de lida com a questão da diferença sexual nos são hoje tão estranhas.

Outro fato curioso diz respeito ao orgasmo feminino. Se parte da psicanálise tende a considerar o passado como um todo a partir de uma lente vitoriana, pontuaríamos que durante quase dois milênios as teorias a respeito da concepção sublinhavam a importância do orgasmo feminino para o sucesso da gestação e parto. Na dissertação, a apresentação e desenvolvimento desta breve história dos sexos terá como função situar o surgimento da psicanálise no que diz respeito às diferenças sexuais. Nas palavras de Laqueur "Freud é, ao mesmo tempo, um produto do biologismo do século XIX que postula dois sexos com órgão e fisiologia distintos, e de um evolucionismo que garante a adaptação das partes genitais ao coito heterossexual" (Laqueur, p. 287)

Conforme Roudinesco e Plon, (p. 72)

> De August Strindberg (1849-1912) a Otto Weininger, passando por Karl Kraus e Daniel Paul Schreber, o duplo tema da nostalgia do feminino e do pavor da feminização da sociedade alimentava as interrogações do fim de século, em plena reflexão sobre as condições de uma reformulação da família burguesa e de uma redistribuição das relações de identidade entre os sexos.

A importância dada por Freud em determinado momento de seu ensino ao papel da anatomia no que diz respeito às identidades sexuais – aparentemente contrária a muitos dos desenvolvimentos proporcionados pela psicanálise – pode evocar uma ideia de fixidez e biologismo. Entretanto, a obra freudiana como um todo permitiria diferentes leituras da questão.[13] Ao compreender pulsão como fronteira entre o somático e o psicológico (Freud, 1915/1987), a psicanálise demonstra a importância da sexualidade como experiência psicológica fundamental.

[13]Schneider, M. A Genealogia do Masculino e Bleichmar, S. Paradoxos da Sexualidade Masculina são dois importantes trabalhos na área que discutem o masculino em Freud.

Para Laplanche e Pontalis, Freud teria sublinhado a variedade dos significados abrangidos pelos termos "masculino" e "feminino" sob três prismas distintos. O significado biológico, sociológico e psicossocial. (Laplanche & Pontalis, 1998, p. 351) Ainda assim, nas palavras do próprio Freud "a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto."

Sobre a prevalência do falo como representante do poder, o que poderia ser considerado como uma tentativa androcêntrica de teorização do sujeito, Dor aponta que

> O fato de reconhecer o papel essencial de um só órgão genital [para os dois sexos] num certo momento da evolução sexual infantil implica precisamente que o primeiro se situa, de imediato, fora da realidade anatômica, fora do órgão; ou seja, precisamente a nível daquilo que essa falta do órgão é suscetível de representar subjetivamente (Dor, p. 74,75)

Se durante quase dez anos Freud baseou-se fortemente na teoria da bisexualidade primária oriunda do ex-colega Fliess, tal panorama tende a alterar-se. Roudinesco e Plon consideram, a partir do texto "Espanca-se uma criança" (1919), que Freud ao trabalhar a ideia de libido única, masculina, incluiria a diferença sexual em um monismo falocêntrico igualitarista. A questão parece não abandonar as preocupações do autor vienense, e retorna ainda em 1937, quando afirma que

> "Já mencionei em outros textos que, na época, esse ponto de vista foi-me exposto por Wilhelm Fliess, que se inclinava a ver na oposição entre os sexos a verdadeira causa e o motivo originário do recalque. Só faço reiterar minha discordância de outrora ao me recusar a sexualizar o recalque dessa maneira, e portanto, a lhe dar um fundamento biológico, e não apenas psicológico."

É possível propor que Freud não tinha como foco de interesse o que hoje consideramos como gênero ou mesmo identidade sexual. Nos parece que suas reflexões dão mais ênfase às possibilidades de escolhas objetais, sendo que as identificações nos casos de homossexualidade se dão sempre em função de identificações *inconscientes*. Eis sua preocupação, o que hoje ainda nos parece bastante atual. É importante lembrar que à época, as primeiras lutas feministas visavam igualdade de direitos e não demandas identitárias, como veio a se configurar parte dos desdobramentos da primeira onda do feminismo. Assim questões sociais da época diziam muito mais respeito a costumes e

práticas do que, propriamente, às identidades sexuais – imaginárias dirá Lacan – forjadas por grupos.

Por outro lado, buscaremos desenvolver possíveis motivos para uma ausência de reflexões neste sentido, explorando a hipótese de que, para a psicanálise, a identidade de gênero seria um conceito potencialmente dispensável, pois o que estaria em jogo é sempre algo de naturaza inconsciente. Tais reflexões dar-se-ão por três vertentes.

Uma diz respeito à afirmação de Bleichmar que defende que a constituição masculina (ou feminina) é uma identidade imaginária, tão verdadeira quanto os outros discursos do paciente sobre si no contexto analítico: sou muito ciumenta, sou assim por causa de minha avó italiana etc.. Assim, se a função da análise poderia ser conduzir o sujeito à travessia da fantasia, essas certezas e desenvolvimentos imaginários teriam outro estatuto, outra função, muito mais ligada a um questionamento a uma conexão com um saber inconsciente do que de fato a como a experiência apresenta-se fenomenologicamente. A corroboração desta hipótese levaria a questões clínicas um tanto radicais e não triviais de condução do tratamento. Seus limites serão devidamente explorados em nosso texto final.

Uma segunda vertente – a ser desenvolvida especificamente em nossas discussões sobre a sexuação em Lacan – diz respeito à insistência de uma não separação entre sexuação (identidade sexual), sexualidade (orientação sexual) e, por vezes, constituição corporal (sexo) por parte da psicanálise. Em princípio, contribuições importantes advindas das teorias de gênero mostram como a dependência, relação ou primazia de um ou outro dentre estes três campos é muitas vezes um constructo ideológico heteronormativo. Quais seriam, então, as justificativas da psicanálise para continuar a relacionar e por vezes amalgamar estes três campos?

Um último desenvolvimento, conectado aos outros dois, pode ser dado a partir de uma negação tão radical da realidade biológica que enfraqueceria a força da "identidade de gênero" uma vez que ela seria o único e verdadeiro sexo. Não haveria, portanto, necessidade de um operador teórico a mais para descrever um único fenômeno. Assim, poder-se-ia aqui iniciar um primeiro esboço de crítica às teorias de gênero a partir de psicanálise. Utilizar a distinção entre sexo corporal, identidade de gênero e orientação

sexual é reconhecer que há uma certa natureza e verdade em todos os três âmbitos. Assim, sublinhar a importância do corpo e da inversão de escolha objetal é dotá-los de força, de valor explicativo, que é justamente o que estas teorias não querem fazer. A psicanálise dessa forma viria a contribuir demonstrando em ato que estas distinções não fazem sentido, não por uma via biológica ou essencialista mas, majoritariamente, discursiva, como veremos adiante.

***

Após a morte de Freud, um caloroso debate acerca da feminilidade parece ter se aberto para os chamados analistas da segunda geração, opondo partidários da escola inglesa e vienense. Para Roudinesco e Plon, a querela daqueles parece objetivar a demonstração da incompatibilidade entre o modelo da bissexualidade e diferença sexual com a ideia de libido única. A dissertação contará com um aprofundamento da questão em Freud, sendo tanto feita por via direta com textos específicos como a partir de comentadores.

A questão teria ganhado novo fôlego a partir de debates efetuados pela terceira geração de psicanalistas. O já citado psicanalista americano Robert Stoller irá aprofundar-se na trilha deixada por Freud da bissexualidade e separação entre identidade sexual e sexo anatômico, conceituando no interior da psicanálise o atualmente conhecido *gênero*.

Assim, é bem verdade que esta categoria trouxe novas possibilidades de análises da questão para a psicologia e psicanálise mas, principalmente, para o que pouco mais tarde viria a desenvolver-se como estudos de gênero. Se o conceito inicialmente proposto por Money[14] alcançou grande visibilidade a partir de Stoller nos anos 1960, cumpre sublinhar que o processo se deu a partir de uma teoria das identidade sexuais, propriamente psicanalítica e não sociológica. De alguma forma fiel à tradição de investigação freudiana que por meio do (considerado como) patológico extrai formas gerais do funcionamento psíquico, o psicanalista americano formula a partir de um estudo com transexuais sua teoria de gênero e de identidade de gênero. Diferenciando-o de *sexo*, que estaria ligado a atribuições biológicas tais como os cromossomos e as gônadas, para Stoller o gênero seria antes uma construção psicológica e social, não diretamente ligada à realidade

[14] Diferentemente do que se lê na pena de Roudinesco e Plon, para quem a conceito teria sido criado por Stoller.

corporal, podendo ou não coincidir com esta (Ferraz, 2000, p. 52). Se, de forma geral, a psicanálise hoje não se utiliza teoricamente desta categoria, as ciências humanas farão um uso massivo do conceito, desenvolvendo-o em diferentes esferas. Gradualmente, o termo passa inclusive a fazer parte da linguagem coloquial, sendo novamente utilizado pela psicanálise a partir daí, e não com um conceito ou noção de validade teórica própria. Pode-se dizer que para os debates sobre identidades e diferenças sexuais em psicanálise o gênero entra pela portas dos fundos. Se é que entra.

A dissertação irá desenvolver brevemente o histórico e usos possíveis do conceito[15] gênero, sem ignorar a multiplicidade de fatores que tornam seu uso problemático no campo da psicologia e, em especial, na psicanálise. Sem, ainda, considerar as discrepâncias teóricas da possibilidade do uso do conceito nas ciências sociais de um lado e da psicanálise de outro, há uma problemática anterior, de escopo político.

Conforme aponta Mercander, as críticas dirigidas à psicanálise focam-se na expressão da dominação presente em seu falocentrismo, que seria uma espécie de caso particular de uma racionalização complexa das relações de assimetria e dominação presentes na sociedade. Já do lado da psicanálise, de acordo com a autora, as críticas dirigidas às ciências sociais dar-se-ão nos termos de uma acusação de não consideração das implicações subjetivas, relegando tudo ao "social" e, por outro lado, que a pesquisa efetuada por aquelas "em uma perspectiva liberalista, conduz a negar as condições necessárias do desenvolvimento humano e em particular minam as bases de nosso sistema simbólico". (Mercander, 2009)

Roudinesco e Plon, por exemplo, parecem bastante reticentes sobre a possibilidade da utilização do gênero dentro do campo da psicanálise. É possível que esta negação seja menos conceitual e teórica do que um eco de posições políticas em psicanálise referente ao lado que se está do canal da mancha (ou do Atlântico). Se a tradição anglo-saxã fiou-se ao bissexualismo, abrindo caminho para os estudos de gênero e para interfaces de menos atrito para o debate com a teoria social como um todo, na França a influência de Lacan retomará de forma não ingênua a questão do monismo fálico, opondo – a princípio – a psicanálise às teorias de gênero.

[15] Ou mesmo se se trata de um conceito, uma noção ou mesmo uma categoria de análise, como defende o texto clássico de Scott, retomado por Facciola.

***

Não apenas a psicanálise é chamada a responder psicologicamente sobre as novas questões de gênero atuais. Na ciência médica, entre os transtornos mentais classificados pela psiquiatria, figura o chamado "Transtorno de Identidade de Gênero". De acordo com o Manual Estatístico de Distúrbios Mentais (DSM), esta patologia caracteriza-se, em primeiro lugar, por uma "forte e persistente identificação com o gênero oposto, que consiste no desejo de ser, ou a insistência do indivíduo de que ele é do sexo oposto (Critério A)" (DSM, 1995, p. 504) Ainda que o manual faça uso da terminologia gênero, o termo é aplicado como sinônimo de sexo biologicamente determinado. Em consonância com a tentativa deste manual de tornar-se uma referência estatística, clínica e ateórica (Sadler & Wiggins, 1994), observa-se que há uma categorização de patologia de gênero sem que haja uma definição própria e declarada do conceito. Seja por compreendê-lo como uma acepção de senso comum, seja por importar o conceito diretamente da biologia, a medicina parece não considerar os debates empreendidos no campo das ciências humanas em seus desenvolvimentos e proposições diagnósticas do ponto de vista conceitual. No entanto, é preciso mencionar que tal categorização responde à demandas de reconhecimento de sujeitos transexuais que sofriam e sofrem e de fato a possibilidade, por exemplo, de uma cirurgia de transgenitalização depende no Brasil desta chancela médica.

Por sua vez, a psicologia, ao dar voz a um sujeito da consciência – no caso das psicologias positivistas –, a um sujeito do inconsciente – no caso da psicanálise – ou ainda ao campo social – para as psicologias construcionistas ou sociais –, possibilitaria uma forma outra de compreensão de gênero. Sobre a psicanálise, Bleichmar defende: "Entre a biologia e o gênero, a psicanálise introduziu duas formas: pulsional e de objeto, que não se reduzem nem à biologia, nem aos modos dominantes de representação social" (Bleichmar, 2009, p. 107)

Retomando nosso objeto específico, é apenas a partir dos anos de 1970 que podemos localizar estudos detidos sobre a masculinidade, primeiramente a partir de críticas do feminismo de orientação materialista, junto às teorias sobre a sociedade patriarcal (Forth,

2011, p. 133). Ressaltamos aqui o importante trabalho de Badinter, *A Identidade Masculina*, ainda hoje referência nos *Men Studies.*

De acordo com Haywood e Mac an Ghaill tais estudos críticos da masculinidade podem ser divididos em duas grandes perspectivas teóricas. De um lado temos as críticas materialistas, pioneiras em teorizar a questão, a partir do feminismo e da crítica do patriarcado. Aqui temos, tradicionalmente ligadas ao marxismo, tentativas de organizar e apresentar os fundamentos sociais e institucionais que produzem normas masculinas assim como discussões relativas à "masculinidade hegemônica", proposta e defendida por Connell, em seu estudo clássico *Masculinities* (2005). É curioso notar como a grande parte dos estudos materialistas da masculinidade, que passeiam tanto pela segunda onda do feminismo, quanto pela teoria dos papéis sexuais, são de autores de língua inglesa. O mesmo não será observado em uma segunda corrente de estudos, um tanto mais recente, chamadas por Forth de "pós-estruturalistas".

Quanto a esta corrente, seu foco seria demonstrar a instabilidade e contradições de normas e identidades que alguns materialistas se apressariam em rotular como dominantes, dominadoras, hegemônicas ou impostas. É aqui onde debates linguísticos e históricos se colocam mais fortemente junto às ciências humanas, em contraposição a uma sociologia clássica à moda americana, ou seja, baseada em grandes estudos empíricos e quantitativos de práticas e representações sociais. Adiciona-se que diferentemente dos autores materialistas – ocupados por vezes diretamente e exclusivamente com a questão da masculinidade – estes pesquisadores não se ocupam especificamente sobre a questão, mas subsidiam um panorama de fundo contra o qual reflexões sobre a masculinidade podem ser empreendidas. De acordo com Forth, pode-se citar aqui Foucault, Derrida e – curiosamente – Lacan, ainda que o autor britânico não renda nenhuma explicação adicional sobre o assunto.

Há uma certa quantidade de material importante sobre história da masculinidade, majoritariamente de língua inglesa – ainda que refira-se a países ocidentais diversos – que aparentemente não foi discutido por autores do campo da história ou das teorias de gênero no Brasil. Tais trabalhos apresentam, em grande parte, material historiográfico de fontes primárias sobre a masculinidade, seja mostrando como ela pôde desenvolver-se até seu estado atual, seja sublinhando as diferentes formas já assumidas ou até mesmo

apresentando a "crise da masculinidade" não como novidade, mas como característica que perpassa – e talvez defina – sua constituição nos últimos 400 anos.[16] Após o exame de qualificação, verificaremos a importância, necessidade e enquadramento de desenvolvimentos nesta direção, a partir da economia interna do trabalho.

No entanto, ainda que presente no campo histórico, a escassez de uma reflexão que abarque o masculino como objeto de estudo apresenta-se hoje como uma dificuldade nos estudos de gênero em sua interface com a psicologia e da psicanálise.

Tal ausência poderia estar ligada à consideração implícita de uma masculinidade essencial e natural, ignorando desta forma a dimensão de construção desta categoria (Muszcat, 2006, p.39). Neste sentido, Costa aponta que "o hábito de falar do sexo como algo imediatamente percebido, vem da venerada ideia de que o sentido das palavras encontra-se na natureza das coisas que ela designa" (Costa, 1995, p.91)

Observamos que os trabalhos em psicologia social e psicanálise que versam sobre o tema do masculino são quase sempre pontuais, ou mostram-se marginalmente em relação a um estudo de gênero mais amplo. Há um considerável trabalho em psicanálise para compreender a feminino[17], mas é muito menos frequente encontrar estudos sobre o masculino. Quando existem, partem em geral de questões paralelas, por exemplo, a violência doméstica (Muszcat, 2006; Welzer-lang, 2001), ou relações hierárquicas dentro da penitenciária (Schpun, 2004), mas é com dificuldade que um trabalho que foque masculino como objeto de estudo privilegiado é encontrado. Ora, sendo a psicanálise um campo do saber já consolidado, dotada de operadores teóricos suficientemente verificados para abarcar a experiência subjetiva – não submetida à biologia e nem exclusivamente ao social ou comportamental – é esperado que sua validade teórica seja suficiente para apresentar modelos explicativos para questões complexas, como a diferença sexual e suas consequências.

---

[16] Podemos citar neste contexto Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello, Stéphane Audoin-Rouzeau, Antoine de Baecque, Christine Bard, Arnaud Baubérot, Anne Carol, Johann Chapoutot, Christopher E. Forth, Claudine Haroche, Dominique Kalifa, Pascal Ory, Florence Tamagne, Christelle Taraud, Sylvain Venayre, Georges Vigarello, Fabrice Virgili, Connell, Haywood e Mac an Ghaill.

[17] Há conhecidos trabalhos de Birman, Neri, Anzieu, Aran e Miller, para citar alguns. O seminário XX, traduzido do francês para o inglês por Bruce Fink, por exemplo, recebeu o subtítulo On Feminine Sexuality, the Limits of Love and Knowledge. Além disso, podemos lembrar a pergunta da Freud "O que querem as mulheres", e da afirmação de Lacan "A mulher não existe", como exemplos da preocupação da psicanálise em localizar e teorizar a respeito das mulheres.

A partir de Freud seria possível repensar a questão da constituição sexual a partir de um processo que não é necessariamente tributário da constituição física, mas antes da representação que se constitui a partir desta condição concreta, a saber, o processo edípico.

Os avanços que as contribuições de Freud proporcionaram para a compreensão das diferenças sexuais foram robustos. Contudo, haveria questões em aberto no campo psicanalítico sobre as quais a teoria freudiana não pôde debruçar-se tão extensamente, em comparação a teorias posteriores em psicanálise. Sobre a tentativa de transpor sua explicação do Édipo para as mulheres, diz Soler "[Freud] reconheceu o fracasso de sua tentativa. Seu famoso 'que quer a mulher' confessa isso, no final, e poderia traduzir-se assim: o Édipo produz o homem, não produz a mulher." (Soler, 2006, p. 17)

V - SEXO EM LACAN ATÉ 1968

Objetiva-se nesta seção apresentar por meio de comentadores e textos específicos modos de compreender a diferença sexual e eventualmente a noção de masculino em seminários e escritos anteriores ao período selecionado. A função de tal passagem será majoritariamente apresentar o estado da discussão em Lacan em momentos anteriores, visando contrapô-los ou integrá-los a nossos desenvolvimentos mais detidos sobre períodos posteriores.

Esta reunião encontra-se esquadrinhada mas ainda não desenvolvida. Entres os itens que serão considerados podemos citar os três tempos do Édipo, a questão ao redor do Falo a partir da máxima "O homem não é sem tê-lo, e a mulher é sem tê-lo.", passagens em que Lacan versa sobre o homem e o "tipo viril", a questão do empuxo à mulher e da separação e tensão entre o homem e o homossexual. Lembramos que apesar de extensas e densas, estas questões serão a princípio apenas apresentadas e não extensamente discutidas, já que nosso foco encontra-se alhures.

Ainda sim, o que até o momento pôde ser desenvolvido sobre gênero em Lacan neste periodo tem um caráter mais geral e introdutório, sendo bastante pontual, e pode ser encontrado a seguir.

A partir da década de 1950, as influências do estruturalismo, da linguística, da filosofia e da lógica auxiliarão Lacan a realizar seu retorno à Freud de maneira a recolocar em novos termos algumas das formulações centrais da teoria psicanalítica. No caso do Édipo, valendo-se também de desenvolvimentos antropológicos de Lévi-Strauss, Lacan retoma o caráter mítico do complexo de Édipo, em especial no que diz respeito à sua natureza estrutural. Em outras palavras, pode-se entender a travessia do Édipo e do complexo de castração enquanto um conjunto de relações entre elementos contingentes.

De maneira similar à prevalência do significante sobre o significado, na qual o sentido emana não do referente concreto, mas da relação entre signos, a figura paterna – de natureza imaginária – de Freud, é, em Lacan, lida como *função* paterna, de forma majoritariamente simbólica. Sobre a expressão do complexo de Édipo, reapresentada por Lacan como metáfora paterna, Dor afirma que ela não estaria apenas no "âmbito da *captura imaginária,* mas também do ponto de ancoragem onde essa captura imaginária se enlaça à dimensão do *simbólico*." (Dor, 1995, p. 76)

Depreende-se daí que a definição de sexo em Lacan pode ser lida não mais enquanto eco de uma diferença anatômica primordial ou de forma simétrica e complementar entre um homem e uma mulher, mas antes enquanto modalidade de posicionamento em relação à lei simbólica. Esta visão abriria caminho para um estudo pormenorizado do masculino, já afastado de uma concepção biológica, de construção social pura ou ainda de uma descrição que dependa do feminino enquanto negativo para validar sua existência.

Para Fink:

> De acordo com Lacan, os homens e mulheres são definidos de formas diferentes com relação à linguagem, isto é, com relação à ordem simbólica. [...] aqueles que, a partir de uma perspectiva psicanalítica, são considerados homens – independente da sua constituição biológica/genética – são totalmente determinados pela "função fálica". (Fink, 1998, p. 133)

Dito de outra forma, o que estaria em jogo para Lacan seria a função e relação entre o masculino e o feminino como estruturas dentro de um todo, e não como expressões de diferenças localizáveis ou de um essencialismo.

Observa-se um trabalho teórico de Lacan que visa desvincular a fundamentação de uma teoria do sujeito em psicanálise de um substrato biológico, - como é possível compreender em Freud, - e pensar a subjetividade a partir de determinações radicais de linguagem, o que possibilitaria um diálogo frutífero junto às teorias de gênero, que de forma geral igualmente afastam-se de explicações essencialistas para as diferenças sexuais.

Para Lacan,

> O complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a Realidade, mas quanto à assunção de seu sexo (...) isto é para darmos nomes às coisas , aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assuma um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo. (LACAN, 1957/58, p. 170-171)

Tal modelo explicativo pode mostrar-se plausível para explicar o processo de sexuação conhecido, proposto em Freud, do homem, da mulher e de eventuais questões homossexuais. No entanto, entendemos que há outros modelos explicativos das diferenças sexuais em Lacan que melhor servem aos debates com as teorias e fenômenos contemporâneos de gênero.

VI – O HOMEM EM LACAN: 1968-1971

> "É divertido que, depois de setenta anos de psicanálise, ainda não se tenha formulado nada sobre o que é o homem. Refiro-me ao *vir*[18], ao sexo masculino. Não se trata aqui do humano e outras patacoadas sobre o anti-humanismo e toda essa baboseira estruturalista, trata-se do que é um homem." (Lacan, 1969, p. 382)

Do ponto de vista da redação da dissertação, a princípio, penso em inverter e apresentar primeiro um apanhado sobre um "terceiro momento" em Lacan, referente às formulas da sexuação e à retomada de Totem & Tabu e só depois apresentar este que segue. Tal saída me parece mais interessante uma vez que este segundo modelo me parece pouco explorado e que merece mais acento, seja pela menor quantidade de trabalhos e

[18] *Vir* refere-se a um dos vocábulos no latim para designar homem, como testemunha ainda o adjetivo viril.

comentadores, seja porque se mostra como um quadro que dialogaria mais facilmente com teorias que pensam a diferença sexual a partir de outras ciências humanas. Possibilidade de diálogo que terá de ser trabalhada e demonstrada, mas que já aparece aqui como apontamento. No entanto, apresento aqui – ainda – em ordem cronológica.

***

Entre os anos de 1968 e 1970, será possível localizar no ensino de Lacan relações mais destacadas entre sua teoria de sujeito desenvolvida até então e o mundo social. Por um lado, o objeto a será compreendido dentro de uma relação de homologia à mais-valia, marcando o caráter histórico da possibilidade de subjetividade. Por outro, a teoria dos discursos se mostrará como um modelo a partir do qual se operariam os laços sociais, suas falhas e suas implicações subjetivas. Ainda que não de forma declarada ou particularmente detida, observaremos que a noção de homem – ou a maneira pela qual ela pode ser inferida – é intimamente ligada a tal interpretação da economia conceitual deste momento da obra de Lacan.[19] Vejamos como isto se dá.

Apesar do termo homem ser bastante citado por Lacan em sua acepção generalista, cada vez mais seu uso será rodeado de cuidados e ressalvas. Junto às suas articulações a respeito especificamente do "ato analítico" – que inclusive dá nome ao seminário de 1967-1968 – não há menção ao homem, mas antes ao "ser" e ao "sujeito". O homem pode ser encontrado como exemplo quase textual na menção aos silogismos de Aristóteles, mas de forma aparentemente desvinculada de qualquer identidade sexual. Em uma outra referência, desta vez à Marx, o homem aparece como aquele explorado pelo próprio homem (Lacan 1967, p. 156). De toda forma, Lacan parece, ainda sim, estar ciente do uso problemático do termo e, mais ainda, de seu uso dentro do campo psicanalítico

> "Le sujet, ce n'est pas l'homme. S'il y a des gens qui ne savent pas ce que c'est que l'homme, c'est bien les psychanalystes. C'est même tout leur mérite de le mettre radicalement en question, je parle en tant qu'homme, pour autant que ce mot ait même

[19] Sublinhamos que esta pode ser uma interessante via para uma resposta à critica de Scott sobre as relações entre o masculino e o feminino e sobre a teoria do sujeito de forma geral em Lacan. Para a historiadora "Mesmo se esta teoria toma em consideração as relações sociais ligando a castração à proibição e à lei, ela não permite introduzir uma noção de especificidade e variabilidade histórica. (Scott, 1980/1990, p.12)"

> encore une apparence de sens pour quiconque." (Lacan, 1968, p. 212)

Se Freud a respeito da escolha objetal afirmava que nem mesmo o interesse do homem pela mulher seria natural, mas sim algo digno de esclarecimentos, décadas mais tarde, Lacan parece enfrentar uma dificuldade semelhante a partir da questão da identidade sexual. "(...) apesar das aparências, o que a psicanálise demonstra é, justamente, que nem mesmo essa identificação com um tipo [masculino ou feminino] é tão fácil assim" E prossegue "...é com enorme inabilidade que chegamos a enunciar alguma coisa a este respeito." (Lacan, 1969, p.216)

Ainda que se esquive da tarefa de abordar o problema teoricamente, a questão se coloca novamente, a partir do conhecido aforisma: "O desejo do Outro é o desejo do homem, disse eu numa época em que me convinha, para me fazer entender, arriscar algumas palavras improváveis, como 'homem', por exemplo." (Lacan, 1969, p.218) Se aqui a contraditória noção de homem é reconhecida e sublinhada, Lacan buscará cada vez mais apresenta-la como problema da identidade sexual em si, a ser equacionado freudianamente a partir de um terceiro termo. Diz Lacan: "Tudo o que ela [lógica freudiana] introduziu como lógica do sexo decorre de um único termo, que é realmente seu termo original, que é a conotação de uma falta, e que se chama castração" (Lacan, 1969, p.218)

Assim, uma importante característica deste momento teórico é que a identidade sexual é pensada exclusivamente a partir da castração. As tentativas de definição destas identidades acabam por desembocar sempre nesta lógica única. Lógica que aqui – apesar de ser muito citada por Lacan – parece ter um valor um tanto argumentativo, posto que suas conclusões sobre o tema em geral tem respostas conceituais e não propriamente articuladas lógica ou matematicamente, ainda que em outros momentos já sejam apresentados os quantificadores aristotélicos e desenvolvimentos sobre a possibilidade de universais e particulares. No entanto, no que diz respeito aos sexos, Lacan parece próximo a uma metapsicologia freudiana. "Tanto no homem quanto na mulher, toda a normatividade se organiza em torno da transmissão de uma falta." (Lacan, 1969, p. 218)

Pouco a pouco, mas de forma cada vez mais marcada até o seminário XX, Lacan irá preocupar-se em definir o que é a Mulher. Ainda que neste momento a questão da não-

totalidade e do gozo Outro não estejam conceitualmente apresentados, o caráter de inapreensibilidade da Mulher já é colocado. "Não se trata, por hora, de saber se as mulheres são recalcadas, mas de saber se a Mulher como tal o é, e por que não, nela própria, é claro. Este discurso não é androcêntrico. Se em sua essência a Mulher é alguma coisa, e disso nada sabemos, ela é tão recalcada para a mulher quanto para o homem." (Lacan, 1969, p. 220)

Nesta diferenciação, cumpre notar que a Mulher parece começar a desenhar-se teoricamente não como uma identidade sexual propriamente dita, mas antes como um *Vorstellungsrepräsentanz,* um representante da representação, (Lacan, 1969, p.220) passível de *Verneinung* para todos os seres falantes, sejam eles homens ou mulheres. Sublinhamos que o termo *Vorstellungsrepräsentanz* merecerá maiores desenvolvimentos seja traçando e explicitando o que Lacan compreende por *Vorstellungsrepräsentanz,* seja discutindo – o que nos parece potencialmente frutífero – se tal ideia poderia ser aplicada à categoria homem ou mestre/senhor, como parece ser a opção à mulher na última sessão do seminário XVI. Assim, tratar-se-á de sublinhar que o estatuto do Homem e da Mulher em Lacan, em determinado momento, não é próximo de uma identidade de gênero, de um regime de gozo, ou de ter ou ser o falo. Trata-se, antes de representantes em relação ao qual o sujeito irá posicionar-se.

Nesta esteira, Lacan fará uma importante distinção – por vezes ignorada – entre a Mulher e a histérica, afirmando que a primeira seria uma espécie de referência da segunda. Desta forma, há uma importante separação da clássica sobreposição dos homens à neurose obsessiva bem como das mulheres à histeria. Mais importante do que a atestada prevalência numérica das neuroses em cada um dos sexos biológicos, é a *Vorstellungsrepräsentanz* Mulher que governa a relação de cada sujeito histérico com a linguagem. Na neurose obsessiva, a função correspondente será exercida não pelo Homem, mas antes pelo Senhor/Mestre. Ainda que ao final do seminário XVI uma leitura que buscaria no Senhor/Mestre uma representação do Homem seja possível, esta articulação não parece desenvolver-se no posterior ensino de Lacan.

Desta forma, se tomados como *Vorstellungsrepräsentanz*, Homem e Mulher tornam-se referências dos sujeitos falantes. Assim, diz Lacan que, para além das identificações, no plano da (inexistente) relação sexual, não haveria, no nível do sujeito, reconhecimento do

macho pela fêmea e vice-versa, sendo relevante neste caso unicamente a função do falo. (Lacan, 1969, p. 309) Desta forma, os seres falantes do ponto de vista inconsciente reconhecem-se *sem* os semblantes masculinos ou femininos, o que nos parece digno de nota. Por outro lado, cada ser falante poderá posicionar-se em relação à Mulher ou ao Senhor/Mestre. Trata-se de uma outra forma de compreender que não haveria relação entre os seres sexualmente identificados senão a partir do falo, donde a inexistência da relação sexual. E aqui lembramos a posição freudiana presente no primeiro dos três ensaios, que explicita que a pulsão não deve ser compreendida a partir de seu objeto, ou seja, no que tange o sexual, a natureza do objeto – masculino, feminino ou qualquer outro – tem pouco valor quando comparada à função que a mesma vem a assumir para determinado sujeito em dada montagem sexual.

Observamos que o homem aparece em uma relativa oposição, ainda que não simétrica, visando explicar o que estaria em jogo na Mulher, que por vezes será inclusive apresentada a partir da expressão *sujeito mulher*. "nessa estrutura que acabo de articular como sendo a do sujeito mulher, ela encena o sujeito *suposto saber*. Em outras palavras, e lembrem-se de Dora, a histérica fica interessada, cativada pela mulher na medida em que acredita que a mulher sabe o que é preciso para o gozo do homem." (Lacan, 1969, p. 373)

A relação da Mulher com a histeria continuará nos interesses teóricos do autor a partir de um dos quatro discursos radicais, o discurso da histérica. Ao lembrar que o "privilégio da histeria" não seria exclusivamente das mulheres, Lacan reforça a possibilidade de pensar o homem não como identidade sexual, mas (potencialmente) como como *Vorstellungsrepräsentanz* na seguinte passagem:

"Nous voyons donc l'hystérique fabriquer comme elle peut, un homme — un homme qui serait animé du désir de savoir." Observamos a mesma ideia também, quando escreve Lacan, ainda que posteriormente,: "*c'est que les hystériques ne survivent que de faire l'homme",* em que pese aqui a ambiguidade do "*faire*".

Assim, conforme aponta Silva Jr., ainda que não haja assunção de um gênero por parte do sujeito do inconsciente, a diferença sexual continua sendo, para este último, um enigma, um esboço de resposta para o gozo do Outro. O que seria neste caso decisivo

em relação aos diálogos dos estudos de gênero com a psicanálise diz respeito a natureza desta montagem. Trata-se aqui de um universal antropológico ou de uma materialidade discursiva?

Algo que caminha ao mesmo tempo com esta hipótese alinha-se à crescente inclusão de determinantes históricos – principalmente no seminário XVI, a partir de Marx – e sociais e da na teoria do laço social a partir dos discursos, desenvolvida a partir do seminário XVII. Caso homem e mulher possam ser apresentados como *Vorstellungsrepräsentanz* ao invés de determinações biológicas ou identidades de gênero, poderiam estas mesmas representações serem influenciadas social ou discursivamente?

Ao retomar a pulsão como lugar-tenente do sexual, Lacan aponta para o caráter contingente e histórico da histeria – aí completamente vinculada à Mulher – quando diz "não foi pelo fato de as histéricas terem estado lá no começo, *por um acidente histórico*, que a coisa toda pôde ter lugar" (Lacan, 1969, p. 206, Grifo nosso). Assim, adicionalmente ao desenvolvido no seminário XVI, a histeria em sua relação com a Mulher parece ser dotada de determinantes históricos e sociais, para além de uma simples negação da biologia. Se há uma sexualização das diferenças orgânicas, ela se dá a partir do social e tem relações com a posição política da psicanálise. (Lacan, 1969, p.90)

E quanto ao homem? Da mesma forma – e agora diretamente explicitada – a "natureza" do homem não é definida a partir das representações feitas com base em um substrato biológico, nem dentro de uma essência masculina, ainda que "lógica". Neste momento teórico do autor: "L'homme, le mâle, le viril, tel que nous le connaissons, est une création de discours — rien tout au moins de ce qui s'en analyse ne peut se définir autrement." (Lacan, 1969/1970, p.62)

Assim, abre-se a possibilidade de uma compreensão por um lado não lógica e por outro afim do modo de pensar as diferenças sexuais a partir de teorias de gênero. Trata-se de uma compreensão da masculinidade extremamente afim às vertentes históricas e sociais dos *Men Studies*. Cumpre notar que parte dos desenvolvimentos teóricos feitos a respeito do homem e da mulher neste momento, estas categorias são apresentadas discursiva e conceitualmente, o que tende a diminuir ao longo dos seminários seguintes. Dito de outra forma, trata-se não exatamente de uma teoria social de construção de identidades

sexuais, mas é possível localizar termos e formulações articuláveis do ponto de vista das modificações históricas e sociais com a noção de gênero.

Defendemos que esta constatação não é marginal, mas sim ligada ao núcleo do que corresponde a teoria do sujeito em Lacan entre 1967 e 1971, ou seja, um sujeito mergulhado e determinado discursiva e historicamente. Mesmo o *objeto a*, considerado pelo próprio Lacan como sua maior contribuição à psicanálise terá então sua gênese e estrutura ligadas a um conceito histórico, a mais-valia. Adicionalmente, a própria histeria, patologia que desde Freud é exaustivamente trabalhada por teóricos das diferentes escolas psicanalíticas, será reintroduzida na forma de um discurso. Da mesma forma, dentro da economia de termos utilizados pelo psicanalista francês ao longo de seus seminários, o homem deixa de ser utilizado em sua acepção filosófica – como sinônimo de ser pensante – e passa a marcar um efeito da diferença sexual. Efeito este marcado por uma teoria que neste momento parece ocupar-se preferencialmente em definições históricas e materiais, em detrimento de definições antropológicas, universais ou lógicas.

No entanto, este panorama tende a alterar-se a partir do seminário XVIII, considerado por nós como um ponto intermediário entre um primeiro momento da noção de homem pensada como *Vorstellungsrepräsentanz* e permeável ao discurso para um segundo momento, no qual sua articulação tenderá a uma descrição antropológica e formal. É bem verdade que esta tentativa desenha-se há tempos, mas não chega a articular-se de forma teórica mais consistente e unitária. Desta forma, o seminário XVIII traz elementos que tanto completam a ideia de um homem discursivo como iniciam uma articulação entre consequências da lógica aristotélica e os sexos.

O autor posiciona-se logo na segunda sessão do seminário *De um discurso que não fosse do semblante* em relação ao papel da constitutivo da biologia na relação sexual. Este papel, que poderia ser inferido a partir dos seminários anteriores, é agora declaradamente destituído de valor explicativo. *"*ça [a realidade cromossômica] n'a absolument rien à faire avec ce dont il s'agit qui a un nom parfaitement énonçable, et qui s'appelle les rapports de l'homme et de la femme.*"* Este afastamento de noções naturais no que diz respeito ao sexo serve tanto à leitura discursiva e de representação inconsciente de gênero quanto a um modelo lógico-formal e, conforme nossa divisão, representa um momento de passagem entre os dois modelos. No entanto, é necessário dizer que, se pensado fora de

um regime de *Vorstellungsrepräsentanz*, o sexual aparece aqui próximo a uma heteronormatividade, que parece não permitir pensar as relações fora de um registro um tanto concreto do homem em relação à mulher.

É igualmente neste momento que Lacan afasta o Édipo, pensado freudianamente, da função de um processo de constituição de gênero, uma vez que "de modo algum precisamos esperar pela fase fálica para distinguir uma menina de um menino; já muito antes eles não são iguais" (Lacan, 1970) Tal constatação leva o autor a considerar o conceito de gênero de Stoller, que para Lacan responderia em parte ao problema da atribuição de sexos. Frente a isso, o autor francês opta por não incorporar o conceito do também psicanalista americano, mas antes apresentar seu correspondente: "a identidade de gênero não é outra coisa senão o que acabo de expressar com estes termos, 'homem' e 'mulheres'. É claro que a questão do que surge precocemente só se coloca a partir de que, na idade adulta, é o próprio destino dos seres falantes distribuírem-se entre homens e mulheres." (Lacan, 1970)

Pontuamos que, aliado à negação da realidade biológica, é apresentada aqui uma forma de pensar as identidades sexuais de forma ontogenética, potencialmente até como uma construção. Em outras palavras, a identidade de gênero é desenvolvida, gestada e não dada, já que os seres falantes distribuir-se-ão como homens e mulheres. Dito de outra forma: "toute la *formation de l'homme* est faite pour répondre, en maintenant envers et contre tout le statut de son semblant (grifo nosso)."

Somada ao já citado caráter discursivo do homem, Lacan parece confirmar uma leitura das identidades sexuais que leem as diferenças a partir de um regime de contingência e não de necessidade. Portanto, sua análise diria respeito ao que historicamente se entende por homem – assim como já assumido em relação à mulher –, ainda que seus desenvolvimentos teóricos não se detenham sobre estes desdobramentos, tal como o realizado em relação ao *objeto a* e ao mais de gozar e sua relação de homologia à mais-valia marxiana.

Dentro da proposta do seminário, Lacan – contra o não explícito pano de fundo da inexistência da relação sexual – afirma que para o homem, o que constitui sua relação com a mulher é o *parecer-homem* [faire], ou seja, o semblante (Lacan, 1970) Semblante este

que, nos humanos, seria *vinculado por um discurso* (Idem). Ora, se "le semblant de ce qui s'appelle un homme ou une femme" é trazido por um discurso, ganha força a hipótese de uma determinação de gênero pensada a partir do laço social e do reconhecimento.

A identificação sexual que terá como resultado o semblante, não seria aqui o menino perceber-se menino ou vice versa (Lacan, 1971), portanto, um fato psíquico calcado na realidade biológica. Seria, antes, o menino perceber que existem meninas, e este fato – porque não dizer – social que os castraria. Para além da formação, a identidade sexual parece poder ser, inclusive, operada: "a mulher tem muita liberdade com o semblante, pode até dar peso até a um homem que não tem nenhum" (Lacan, 1971). Sublinhamos aqui a liberdade que a radicalidade dessa definição poderia aportar para os estudos de gênero. Ela permitiria, por exemplo, pensar os casos de transsexualismo sem o recurso à psicose. Ainda, e aqui sublinhamos a radicalidade de Lacan em um seminário posterior, "l'être sexué ne s'autorise que de lui-même. C'est en ce sens que, qu'il a le choix, je veux dire que ce à quoi on se limite, enfin, pour les classer mâle ou féminin, dans l'état civil, enfin, ça, ça n'empêche pas qu'il a le choix." (Lacan, 1974)

No entanto, ao longo destes mesmos desenvolvimentos que parecem refinar a noção de identidades sexuais como construções a partir do semblante, a possibilidade aberta de pensar homens, mulheres e gênero vai gradualmente ao longo das sessões do seminário XVIII perdendo espaço do ponto de vista discursivo.

Assim, – e aqui tomamos certa liberdade de estilo – o *de um discurso que não fosse do semblante* parece pouco a pouco tornar-se um *semblante que não fosse do discurso.* Ou seja, os semblantes sexuais passam a ganhar tonalidades (ditas) lógicas, que antes eram apenas apontadas, mas a partir de agora serão trabalhadas até a forma final das fórmulas da sexuação. Tal mudança não necessariamente anularia este primeiro modelo explicativo, mas tal opção de formalização acaba por ter como acompanhante necessário o mito de Totem e Tabu e, como gostaríamos de defender, aproxima as formulações de Lacan de um universalismo distanciando-se de um materialismo.

Mas devagar com o andor, que o santo é de barro.

VI – O HOMEM EM LACAN: 1971-1974

A plenitude não basta.

Anaïs Nin

Sem realizar uma ruptura propriamente explícita, observamos que Lacan aos poucos ao longo do seminário XVIII e daí em diante utilizar-se-á de ferramentas da lógica aristotélica para conceber as diferenças sexuais. É apresentada a hipótese de que não seria possível pensar, a partir de Aristóteles, *todas as* mulheres, exceto pelo pai mítico de Totem e Tabu, aquele que potencialmente gozaria de todas e, portanto, a ele seria possível conceber o conjunto "*todas as mulheres*". Exceto por este caso, de acordo com Lacan, a lógica clássica impossibilitaria a existência do conjunto "todas as mulheres". Esta impossibilidade e seus ecos parecem criar um novo caminho teórico para explicar as diferenças sexuais e a relação dos seres falantes com o gozo, sem uma necessária conexão com o modelo anterior. Assim, serão estas novas articulações concernentes à identidade de gênero que terão como resultado a primeira formulação de um de seus mais conhecidos aforismas "A mulher não existe".

Um outro importante aspecto que até então é apenas nuançado, recebe agora o peso de uma afirmação certeira. Trata-se da impossibilidade do sujeito não estar inscrito em um dos dois sexos.

> il n'y en a que deux : les hommes, les femmes, dit-on, et on s'obstine à y ajouter les auvergnats ! C'est une erreur. Au niveau du réel, il n'y a pas d'auvergnats. Ce dont il s'agit quand il s'agit de sexe, c'est de l'autre, de l'autre sexe, même quand on y préfère le même. (Lacan, 1971/1972)

Quanto ao homem, especificamente, a possibilidade de pensar os sexos discursiva, historicamente ou mesmo com a categoria de semblante é então revista, uma vez que o homem seria *apenas um significante*. É evidente que conhecendo a importância deste operador teórico, o "apenas" poderia ser relativizado. No entanto, a passagem parece sublinhar que a partir de então os sexos voltam a ser pensados por meio de relações conceituais e formais, e não mais a partir de referentes externos, sejam eles histórico/culturais ou mesmo biológicos.

> "A formalização matemática é nosso fim, nosso ideal. Por quê? Porque só ela é matema, quer dizer, capaz de transmitir integralmente. A formalização matemática é a escrita, mas que só

> subsiste se eu emprego, para apresentá- la, a língua que uso. Aí é que está a objeção – nenhuma formalização da língua é transmissível sem o uso da própria língua. (Lacan, 1972/73, pg. 161)."

Ainda em 1971, Lacan introduzirá definitivamente os quantificadores aristotélicos para demonstrar o que até então vinha sendo trabalhado dentro de um discurso falado, as diferenças entre o homem e a mulher. Apresentaremos as mesmas em seguida. Por enquanto, nos prenderemos aos desenvolvimentos "textuais" em relação ao sexo.

Será desenvolvida uma noção que não parece vingar no interior da economia conceitual de Lacan, justamente por sua posterior redescrição em a partir dos quantificadores, o *todohomem* [*touthomme*]. Uma vez que existiriam dúvidas a respeito da possibilidade da garantia da existência de um *homem*, "ele só pode ser na qualidade de *todohomem* isto é, de um significante e nada mais." E prossegue Lacan mais à frente "Daí resulta, por exemplo, que não se pode fundar nada do status do homem, visto pela experiência analítica, senão juntando artificialmente, miticamente, o *todohomem* com o suposto homem, o pai mítico de Totem e tabu, isto é aquele que é capaz de satisfazer o gozo de todas as mulheres" (Lacan, 1971)

Aqui a definição e diferenças centrais do homem e da mulher tais como serão posteriormente desenvolvidos já podem ser lidos. Os homens só podem – e todos são – pensados a partir de Totem e Tabu. Se o resultado do pacto dos irmãos resultou em uma impossibilidade, esta torna-se fundadora e universal para todos aqueles definidos como homens. E essa impossibilidade gerada pelo pacto só é possível pois houve, e no inconsciente ainda há, um e apenas um pai ao qual esta regra não se aplica. Assim, todos os (outros) homens estão igualmente submetidos à mesma lei. Eis, comicamente, uma espécie de justificativa para o popular dito "os homens são todos iguais". Quanto à mulher, tudo o que pode ser formulado neste momento é que isto que se passa com o homem vale para ela, mas apenas em parte. E é essa pequena diferença que será fundamental na diferença dos sexos.

Esta explicação antropológica e totêmica terá neste segundo momento conceitual um aporte teórico formal paralelo, com ambições igualmente universalizastes. Trata-se da lógica. Podemos dizer que os dois seminários proferidos em 1971 e 1972 formam um conjunto com o seminário XX no que diz respeito as formulações a respeito do homem.

Com a aproximação da chamada "fase Real" do ensino de Lacan, as impossibilidades de ascender à linguagem parecem ganhar cada vez mais destaque. A solução encontrada pelo autor para expressar os fenômenos subjetivos passa a ser cada vez mais encontrada na lógica e, posteriormente, na teoria dos nós. Neste sentido, a identidade sexual parece consonante com a proposta geral de Lacan:

> Et cela, ça a pour centre, ce que ça a pour point de départ, c'est ce que nous démontre le discours analytique, ça a pour point de départ un rapport privilégié à la jouissance sexuelle. C'est en quoi la valeur du partenaire autre, celle que j'ai commencé de désigner respectivement par l'homme et par la femme, est inapprochable au langage, très précisément en ceci que le langage fonctionne, d'origine, en suppléance de la jouissance sexuelle.

É neste contexto que são apresentadas as fórmulas da sexuação, que se desenvolverão a partir das negações e contradições de possibilidades de existência do homem e da mulher. Tais possibilidades serão pensadas a partir da possibilidade de existência (∃), da universalidade (∀) e do ser (x) em relação a uma função (Φ), que não é outra senão a função fálica. Trata-se, por fim, da passagem da explicação discursiva dos sexos para uma aplicação formal, de onde temos operações com quantificadores e seus resultados. Deste ponto de vista, diferentemente da Mulher, o homem:

> Ce qu'il faut, comme je l'ai déjà dit d'un terme qui jouera un grand rôle de ce que nous avons à dire par la suite, ce qu'il faut c'est que malgré ce tous de la fonction phallique en quoi tient la dénotation de l'homme, malgré ce tous, il existe, et, il existe, là, veut dire il existe exactement comme dans la solution d'une équation mathématique, il existe au moins un, li existe au moins un pour qui la vérité de sa dénotation ne tient pas dans la fonction phallique. (Lacan, 1972)

Por outro lado, a Mulher não poderia ser descrita em relação à totalidade de sua inscrição na função fálica. Assim, para Lacan, não seria possível formular algo sobre *todas as mulheres*, donde temos sua aforismática inexistência. Quanto aos homens, "tout mâle est serf de la fonction phallique. Cet «au-moins-un» comme fonctionnant d'y échapper, qu'est-ce à dire ? Je dirai uque c'est l'exception." Contraditoriamente, é justamente esta exclusão que fundaria a generalidade para todos os (outros) homens, uma exceção que confirma a regra, lembrando o provérbio. A diferença é que esta realidade inconsciente mítica é agora pensada a partir de quantificadores: "de l'homme, de l'être qui se qualifie

chez le parlant comme masculin, si nous prenons le il existe, il existe au moins un pour qui Φx n'est pas recevable comme assertion, ∃x . –Φx"

Se em 1970 notamos uma negação contundente da biologia – que em nossa leitura marcaria uma fronteira entre um modelo histórico/discursivo e um modelo antropológico/lógico – no seminário XX observamos um certo retorno, não no que diz respeito diretamente às identidades sexuais como representações de diferenças anatômicas, mas à formação de diferentes modalidades de gozo a partir da própria fisiologia. Vemos uma curiosa retomada de noções da biologia para explicar a diferença nas formas de gozo, já que agora – além de refinar a lógica da sexuação –, Lacan irá ocupar-se igualmente em diferenciar o gozo masculino ou fálico e o gozo feminino, ou gozo Outro. Esta referência vem da retomada dos apontamentos de Freud a respeito da diferença entre o orgasmo clitoriano (fálico) e vaginal, este propriamente "feminino".

Há passagens, inclusive, em que é difícil ler o homem seja como discurso, seja como posição lógica, dada a insistente aproximação entre o operador teórico gozo e o orgasmo físico propriamente dito, restando ao homem ser pensado biologicamente como, por exemplo, "O gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não "chega" a gozar do corpo da mulher, pois ele goza do gozo do órgão." e ainda: "há mulheres fálicas. E isso não impede que os homens sejam homossexuais, mas os impede de gozar do corpo da mulher, ou seja, fazer amor." (Lacan, 1972) Trata-se da expressão da impossibilidade da relação sexual, mas pensada não mais dentro de um registro de representações inconscientes ou discursivas, mas antes pensada a partir dos ecos de um orgasmo corporal propriamente dito, a partir de uma relação sexual inexistente mas, no entanto, heterossexual e genital.

Aristóteles e sua lógica – que há anos são citados na tentativa de apresentar um pensamento lógico de universais e particulares a partir da existência – de acordo com Lacan designariam, por fim, apenas o que acontece do lado masculino. Mais do que isso, a relação com o *objeto a* diria respeito exclusivamente à parceira faltante é seria portanto exclusivamente masculina, donde a fantasia seria exclusivamente masculina. (Lacan, 1972/1973)

Assim, é correta uma interpretação que leia nestes desenvolvimentos teóricos de Lacan o homem como sinônimo do que o autor ao longo de sua obra designou como sujeito de uma maneira geral. Seja uma relação necessária com a função fálica, seja a centralidade e necessidade da relação com o *objeto a*. No entanto, o que Lacan parece neste momento assumir, ainda que por meio de Aristóteles, é que tal leitura diria respeito só a uma parte dos sujeitos. Assim, pode-se ensaiar uma defesa de que a teoria da sexuação seria uma ampliação da teoria geral de sujeito em Lacan, ao demonstrar que o ser falante pode estar na linguagem de duas formas distintas, ser falante que aliás torna-se noção mais referida do que a de sujeito, neste momento de seu ensino.

Estas formas são chamadas por Lacan de "lados". Assim, o sujeito pode estar do "lado masculino" ou "feminino". O autor diz ainda que o sujeito não seria forçado, quando masculino, a ficar no lado Homem, sendo chamados aqueles que não o fazem de místicos, pois poderiam fazer uso do gozo Outro, fora de um regime totêmico de impossibilidade. (Lacan, 1972/1973, p. 97) No entanto, esta afirmação tem como fundo uma interpretação que vê o homem com certa carga de essência, ou previamente determinado, já que alguns poderiam "estar do outro lado". Ora, mas que "outro lado" seria este que não a realidade biológica? Se anteriormente os "atributos da masculinidade restem a determinar-se" (Lacan, 1970), ou seja, claramente não biológicos, a liberdade que a noção de semblante e discurso outrora ofereceram para pensar o gênero, parece agora ser reduzida a uma dualidade quase essencialista, ainda que inconsciente e lógica.

Quanto à mulher, diferentemente de "todo homem", ela seria não-toda. Trata-se de um quantificador, sinônimo de "não é para qualquer que seja". Assim, haveria algumas que "não seriam". Mas há uma interessante relação parte-todo, na qual cada mulher carrega em si essa marca de não-universalidade. Conforme pode ilustrar a passagem:

> Quando escrevo $\neg\forall.\ \Phi x$ esta função inédita na qual a negação cai sobre o quantificador a ser lido *não-todo,* isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser *não-todo* a se situar na função fálica. É isto o que define a... a o quê? – a mulher justamente, só que A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher, pois (...) por sua essência ela não é toda. (LACAN, 1972/73, p. 98).

Especificamente em relação ao "lado homem", uma ressalva precisa ser feita. A notação escolhida por Lacan para representar aquela exceção que confirmaria a regra – o pai da horda primeva, na mítica freudiana – é:

$$\exists x \, . \, \neg \Phi x$$[20]

O que precisamos sublinhar aqui é que esta notação diz, especificamente, "existe ao menos um x para o qual Φ não se aplica". Ou seja, a existência, ∃, não diz respeito à quantidade ou natureza daqueles x para os quais Φ não se aplica. Assim, a afirmação $\exists x \, . \, \neg \Phi x$ permite, por exemplo, a existência de 1, 2 ou mesmo de n x para os quais a função não se aplica. O que é, do ponto de vista das possibilidades lógicas que a proposição abre, bastante diferente do que é proferido por Lacan, e presente igualmente em Totem e Tabu. Neste último caso, trata-se uma proposição que deveria corresponder ao "Existe um único x para o qual Φ não se aplica".

Ainda que esta diferença não seja levada em consideração por nenhum dos maiores comentadores do psicanalista francês e seja apenas citada sem maiores debates em uma dissertação de mestrado sobre o tema (GRASSELI, 2006), sublinhamos que esta é uma questão relevante cujas consequências deverão ser lidas e discutidas durante a redação final do texto, em especial porque não parece se tratar de uma adaptação, uma vez que a notação $\exists !x$, específica justamente para "existe um único x que", poderia ter sido utilizada, mas não o foi. Assim será necessário apresentar as distinções e consequências da diferença entre $\exists x \, . \, \neg \Phi x$ e $\exists !x \, . \, \neg \Phi x$.

Por fim, observamos que metodologicamente uma análise da noção de homem pode nos indicar caminhos gerais no que diz respeito à teoria do ser falante em Lacan, ainda que não haja uma coincidência de definição entre eles. Observa-se uma importante mudança na extensão e potencialidades das formulações Lacanianas no período que vai do seminário XV ao seminário XX. A princípio há uma preocupação em defender o caráter histórico e discursivo da constituição do sujeito, o que leva Lacan, a partir da improvável incorporação de categorias marxistas à noção de discurso, a radicalizar a incidência e

[20] Lacan opta por fazer um traço superior para marcar a negação do predicado, no caso, da função fálica. Devido, por um lado, à convenção atual na matemática e, por outro, à possibilidade de escrita tipográfica e, portanto, copiável e tipografável, opataremos por usar o símbolo ¬ para designar a negação.

consequências sociais da categoria de sujeito. Tratam-se de elementos em Lacan que vão na direção de "fundamentos materialistas de sua concepção de psicanálise" (Veken, 2008) que de acordo com Veken podem ser localizados na gestação da noção de Semblante, operador fortemente ligado à noção das identidades sexuais, em especial no seminário XVIII. Abre-se aí a possibilidade de pensar a incidência das estruturas sociais em cada sujeito do laço social, bem como os limites de proposições gerais e ahistóricas que tal leitura convida.

Em um segundo momento a preocupação de Lacan volta-se para uma antropologia – calcada em Totem e Tabu – em sua improvável articulação com a lógica aristotélica para pensar as diferenças sexuais, definidas agora como modos ou "lados" da subjetividade. O foco passa então a ser uma universalidade de definições, que pode ser melhor explorada não mais a partir da categoria de discurso, mas sim com a ajuda de quantificadores lógicos, desprendidos tanto de diferenças biológicas quanto de realidades históricas ou sociais.

VII – DAS POSSIBILIDADES

Apresentaremos agora, brevemente, potenciais direções que acreditamos relevantes para a redação final de uma dissertação, para além dos pontos a serem desenvolvidos já apontados ao longo do texto.

Em relação à questão do homem e das identidades sexuais no período selecionado, mais elementos serão adicionados e construídos em cada um dos modelos. Objetivou-se neste exercício de escrita apresentar mais claramente algumas passagens que exemplificariam a divisão em dois momentos por nós proposta, sem explorá-las à exaustão. Para a redação final, grande parte das – e em alguns seminários todas as – formulações sobre homem serão citadas e articuladas a partir destes dois modelos, buscando corroborações, contradições ou sínteses possíveis.

Em especial os desenvolvimentos sobre um modelo discursivo de gênero em Lacan serão aprofundados, visando desenhar uma aplicação demonstrada da noção de homem a partir da teoria dos quatro discursos. Investigaremos se o apontamento de homem como

efeito de discurso pode se sustentar e de que forma. Tratar-se-ia do efeito de um discurso específico? Seria o efeito de um giro discursivo?

Adicional e problematicamente: se o homem é, também, um semblante como pensá-lo como efeito ou como resultado de uma formação discursiva ou histórica? Afinal o semblante é uma *posição* do discurso e não um de seus elementos. Posição, aliás, também nomeada como *agente*. Ora, o problema se arma uma vez que desta forma dentro de qualquer um dos discursos o homem seria determinante antes de ser determinado.

Os modelos serão igualmente reapresentados à luz de seus desenvolvimentos adicionais, para que se possa argumentar mais solidamente a respeito de sua real separação, continuidade ou possível síntese.

Por fim, retornaremos às teorias e fenômenos externos à psicanálise visando aplicar nossos modelos em três campos. Um primeiro relativo aos *Men Studies* e da história da masculinidade. Um segundo verificaria como estes modelos se comportam contra o pano de fundo das teorias feministas de inspiração constucionista. Em ambos os casos, questão de fundo seria se o pensamento lacaniano poderia contribuir substancialmente para as referidas teorias ou se carregaria, necessariamente, um modelo de diferenças sexuais marcado pela dominação masculina ou historicamente comprometido com montagens teóricas que não mais explicam fenômenos atuais.

Um último campo buscaria um debate um pouco mais extenso com a teoria *queer* de Judit Butler. Desenvolveríamos a possibilidade de aproximação entre (1) o modelo discursivo de sexo em Lacan aliado à questão do corpo em Televisão e das formulações de Askofaré e (2) a questão da materialiade e as relações de determinação e tensão entre gênero e sexo em Butler.

Será possível, também, explorar a possibilidade de aproximação entre a questão do gênero entre a performance e a performatividade e o gênero pensado a partir do semblante e do discurso. Gostaríamos de apresentar, à título de abertura da questão, de forma resumida, parte do projeto de Butler de repensar as relações entre sexo e gênero com o propósito de demonstrar a possibilidade de diálogo entre tais questões e um modelo discursivo das diferenças sexuais em Lacan.

Para Butler, em jogo em tal reformulação da materialidade dos corpos estará (1) uma reapreensão da matéria do corpo como efeito de uma dinâmica de poder, ligada à normas de regularização e da significação destes efeitos materiais (2) a compreensão da performatividade não como o ato de um sujeito mas como um poder reiterativo do discurso que produz o fenômeno que ele próprio regula e impõe, (3) compreender o sexo não como um corpo dado no qual o genero é artificialmente imposto, mas antes como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos, (4) um processo de subjetivação tido não como submissão (ou insubmissão) de um sujeito a uma norma corporal mas antes como um processo no qual o *sujeito da fala* só advém a partir da assunção de um sexo e (5) a ligação entre este processo de assunção do sexo e da identificação que permite algumas e foraclúi outras, onde entraria a noção de abjeto. (Butler, 2003, p.16-17)

A estes ítens poderíamos ensaiar possíveis relações, a saber, (1) o corpo pensado a partir do discurso[21] e de uma possível crítica à radicalidade do Real do corpo nas teorias da sexuação, (2) o homem como efeito de discurso e a possível contradição desta afirmação com o homem pensado a partir do semblante, (3) crítica da tomada de *Totem e Tabu* como modelo para uma definição lógica dos sexos e (4) uma possível concordância em Lacan e em Butler da ideia de que não há sujeito antes do sexo, ou em outras palavras que a assunção (ou escolha) de um sexo não precede, mas funda o ser falante. Ainda neste campo, explorar-se-ia a questão do não reconhecimento da diferença sexual no inconsciente, mas de como posicionar-se a partir de Lacan, afinal, sobre a necessidade ou contingência da expressão do gênero masculino ou feminino junto ao eu.

Quanto ao ítem (5), tratar-se ia de discutir – uma vez que tal a possibilidade de haver *auvergnats* é enfaticamente e de diferentes formas negada por Lacan – se a teoria lacaniana seria capaz de compreender os abjetos e partir da questão do sexo ou se, necessariamente, estes deveriam ser lidos a partir de noções patológicas ou fora da neurose.

[21] Aqui remetemos o leitor à discussão sobre o Corpo e as patologias do social realizado pelo LATESFIP, onde procura-se demonstrar a espessura política do corpo a partir de Honneth, Butler e Lacan.

Por mais que tais questões pareçam distantes da noção de masculino, elas servem aqui como ensaios de respostas à seguinte pergunta: seria possível ler na tinta de Lacan, *at the end of the day*, um autor que contribui, a partir do homem, com a discussão teórica e política de gênero ou nosso trabalho resumir-se-á a um inventário de formulações androcêntricamente problemáticas, essencialistas ou historicamente discutíveis?

Contudo, e aí reside nossa esperança, objetivamos a partir do material até aqui apresentado encontrar melhores perguntas.

Referências

AMBRA, P. E. S., *Psicanálise e Gênero: a Paixão pela Identidade*, conferência proferida na Semana de Psicologia do IPUSP, 2012

AMBRA, P. E. S. & SILVA JR., N., Genre, liberté et souveraineté de soi : ponctuations à partir d'Honneth, *Brazilian Cultural Studies*, v.1, n.3, 2012 (artigo aceito para publicação)

ASKOFARÉ, S., Du discours… au corps. In: Gaspard, J.-L.; Doucet, C.. (Org.). Pratiques et usages du corps dans la modernité. 1 ed. Toulouse: Éditions Érès

BADINTER E. XY: sobre a identidade masculina. (M.I.D. Estrada, trad.). Rio de. Janeiro: Nova Fronteira.

BENJAMIN, W. O anjo da história. Lisboa : Assírio e Alvim, 2011

BLEICHMAR, S., Paradojas de la sexualidad masculina; Buenos Aires: Paidós, 2009

BUTLER, J., Bodies that matter. London: Routledge, 1993.

_____, Undoing gender. New York: Routledge, 2004

CECCARELLI, P. R., (Org.) Diferenças Sexuais; São Paulo: Escuta, 1999.

CARTA CAPITAL. (2011) A era do pós-gênero. São Paulo, Setembro

COELHO DOS SANTOS, T. & TEIXEIRA, M. A., Violência na teoria psicanalítica: ruptura ou modalidade de laço social? In: Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 165-180, dez. 2006

CONNELL, R.W. Masculinities, 2005

COSTA, J. F., A face e o verso: estudos sobre homoerotismo II; São Paulo: Escuta, 1995.

COSSI, R. K., O Corpo em Obra. São Paulo: nVersos, 2012

COURBIN, A, COURTINE, J-J., VIGARELLO (orgs) Histoire de la Virilité, Tome III Paris: Seuil, 2011

DOR, J., Introdução à leitura de Lacan, Porto Alegre: Artmed, 1995

DSM, Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995

FERRAZ, F. C., Perversão. Coleção Clínica Psicanalítica; São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FINK, B. O sujeito lacaniano. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

FONTANA, J. A História dos Homens. Bauru-SP: EDUSC, 2004

FORTH, M., Masculinity in the modern west: gender, civilization and the body. New york: Palgrave Macmilian, 2008

FREUD, S., (1915) As pulsões e suas vicissitudes. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1987, Vol. XIV

_____, (1923) O Ego e o ID. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1987, Vol. XIX

GASPARD, J-L. ; Doucet, C. Pratiques et usages du corps dans la modernité.. 1 ed. Toulouse: Éditions Érès, 2009

GHILARDI-LUCENA, M.I.; OLIVEIRA, F.de. (Orgs.) Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade; Campinas: Editora Alínea, 2008

HAYWOOD, C., MAC AN GHAILL, M., Men and Masculinities: Theory, Research and Social Practice, McGraw-Hill International, 2003

LACAN, J., Séminaire, livre XVI. Paris: AFI, 1969

_____, Séminaire, livre XVII: Paris: AFI, 1970

_____, Séminaire, livre XVIII: Paris: AFI, 1971

_____, Séminaire, livre XIX: Paris: AFI, 1972

_____, Le savoir du Psychanaliste. Paris: AFI, 1972

_____, Séminaire, livre XX: Paris: AFI, 1973

_____, Séminaire, livre XX – 1972-1973: Paris: Éditions du Seuil, 2006

_____, Séminaire, livre XX: Paris: AFI, 1974

_____, Radiofonia. (1970) In: Outros escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LAQUEUR, T. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B., Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1988

MELMAN, C. O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço, São Paulo: Companhia de Freud, 2008.

MERCADER, P. & TAIN, L. L'eternel masculin, Lyon: PUL, 2010

MUSZCAT, S. Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero, Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Nelson da Silva Jr., Instituto de Psicologia, 2006.

O GLOBO, Tommy ou Tammy? Casal retarda puberdade para filho decidir sobre sexo. In: http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2011/10/21/tommy-ou-tammy-casal-retarda-puberdade-para-filho-decidir-sobre-sexo-412494.asp Acessado em 31/08/2012

PACHECO FILHO, R. A. "A praga do capitalismo e a peste da Psicanálise", in: A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade, n. 1, v.1, 2009

REVISTA CRESCER, Escolas do Reino Unido causam polêmica ao rotular crianças de 4 anos como transexuais. In:

http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/1,,EMI310006-17729,00.html

Acessado em 31/08/2012

RODA-VIVA, Entrevista com Laerte Coutinho, TV Cultura, exibida em 20/02/2012

ROUDINESCO, E. & PLON, M. Dicionário de Psicanálise, São Paulo: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998

SADLER, J. Z., WIGGINS, O.P., SCHWARTZ, M.A., : Introduction, in Philosophical Perspectives on Psychiatric Diagnostic Classification. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994

SAFATLE, V. P., Grande Hotel Abismo: Por uma Reconstrução da Teoria do Reconhecimento, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012

SCHNEIDER, M., Genealogia do Masculino; Buenos Aires: Paidós, 2003

SCHPUN, M. R., (org.) Masculinidades; São Paulo: Boitempo, 2004

SCOTT, J., Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul/dez, 1995

SILVA JUNIOR, N., Corps et narration dans la modernité. In: Gaspard, J.-L.; Doucet, C.. (Org.). Pratiques et usages du corps dans la modernité. 1 ed. Toulouse: Éditions Érès, 2009, p. 65-85.

SALES, L, S., Consistência do Édipo na psicanálise lacaniana: símbolos zero para o desejo. Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, Junho de 2008

SOLER, C., O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

WETZER-LANG, D., A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, 9: 2001 p. 460-482.